

## CHRONICA

000



ODAS as grandes ideias são a principio classificadas de chimeras, de sonhos de impossivel realisação, e os luminosos espiritos que as concebem irreverentemente appelidados de lunaticos, de visionarios, de doidos inoffensivos, bons para divertir o pu-

blico provocando-lhe a hilariedade.

Assim succedeu com todos os grandes ideaes que revolucionaram a humanidade, e assim vem succedendo em nossos dias, e continuará a succeder no futuro, com todos os ideaes que ora agitam a nossa sociedade e hão-de agitar e revolucionar as sociedades que succederem á nossa.

Porquê?

E' que o pensador é sempre um espirito que vem encarnar prematuramente na terra: muito antes do seu tempo, muito antes do seu seculo: e por isso é que, sendo claro como a luz, ninguem o entende, e sendo lucido como um vidente, olham-no todos como um doido exotico. E' preciso que outros espiritos similares venham depois, e successivamente, trabalhar, luctar, morrer na defesa, no apostolado das suas ideias, para que ellas entrem no espirito dos outros homens e tenham, para elles, algum sentido, obtendo assim a sancção de que só precisam para desentranharem do seu seio toda a abundante chuva de beneficios que espalham sobre a terra arida e nua.

D'ahi o espaço de tempo maior ou menor, mas sempre grande, que a Ideia leva a galgar do seu mundo para o nosso; a passar, do cerebro de quem a concebeu, para os nossos corações anciosos que ella vem animar, fortalecer e engrandecer. Mas, incubada durante annos ou durante seculos que ella esteja, como o grão de semente que aos pés do semeador se perdeu, virá um dia em que desabrochará á luz, irradiante e fresca,—flor de ideal com cujos perfumes todos quererão embriagar-se; arvore de vida a cujos fructos todos erguerão os magros braços; e á sua sombra repoisarão todos os seres da terra; e todas as aves do ceo lhe cantarão sobre os ramos.

E ai dos que então ficarem para traz, embotados os sentidos e o coração fechado: que serão arrastados ou submergidos na onda sempre crescente dos que não querem paragens, dos que querem ir para a frente, seguir sempre, galgar para mais alto sempre!

E são elles, os ideologos, os pensadores de que a multidão frivola se ri, são elles que, á força de luminosissimas ideias,—pobres chimeras hoje: realidades esplendidas amanhã—teem guindado a humanidade, numa ascenção, da primitiva animalidade á selvageria, da selvageria á barbaria, e da barbaria ao actual momento da nossa civilisação, ainda tão incompleta mas já tão distante da ancestral inconsciencia. São elles, foram elles que nos guindaram até onde estamos: e são ainda elles, serão elles ainda, que nos acabarão de guindar até cima, até ao alto, até onde o nosso espirito se possa elevar sobre a terra —a terra! o nosso pobre globo mal-aventurado que elles procuram transformar num mundo cada vez mais perfeito, num mundo que hoje é ideal mas que então será real, onde o Amor estabeleça como senhor o seu reinado de paz e felicidade.

E para isso afinal o que é preciso?

As nacões todas fraternisadas sob a mesma bandeira, fallando a mesma lingua, professando a mesma religião, e combinando num grande abraço todas as suas forças, pela união centuplicadas, para o bem commum, sem o qual o bem particular é ephemero e transitorio sempre. As nações fraternisadas e as sociedades fraternisadas tambem: sociedades perfeitas, modelares, em que ninguem careca do necessario, todos exercendo harmonicamente a sua actividade e todos consequentemente occupando o seu logar-e só o seu logar!sem ambições nem orgulhos desvairados; sociedades que comprehendam em todo o seu alcance e em todo o seu alcance pratiquem a lei de justiça e de caridade, ou, o que vem a ser o mesmo, a lei de Deus que a ambas resume e consubstancia; sociedades, finalmente, em que o mais forte proteja o mais fraco, e o castigo seja abolido por o delicto não existir, e as honras e as distincções e as recompensas se consagrem á bondade em primeiro logar e depois ao talento e ao merito, quando estes como aquella se provem indiscutivelmente.

Parece muito isto, não é verdade?

E resume-se todavia em bem pouco:—em sermos bons: que, sendo nós bons, tambem a terra será boa para nós.

E' de todos os tempos esta harmonia maravilhosa, providencial, entre as condições de vida sobre a terra e a organisação dos seres que a habitam: o homem só nella apparece, quando ella está convenientemente preparada para o receber: isto é: quando o calor do solo desapparece pela crescente solidez da crosta e a atmosphera se torna clara e transparente, depurando-se de todos os gazes irrespiraveis; quando essas monstruosas raças de animaes, como o iguanodonte e o mastodonte, já não existem, e os vegetaes, muito diminuidos das proporções primitivas, dão já fructos mais succulentos e nutritivos; quando emfim, no ar e á superficie da terra, tudo se suavisa, se torna mais doce, mais sociavel, mais em harmo-

nia com a fraquesa e a delicadesa dos novos seres que são chamados a habital-a e usufruil-a. Assim pois, quando o homem se aperfeiçoar, isto é, quando elle viver mais da vida espiritual do que da vida material, tambem a terra ha de, por assim dizer, espiritualisar-se, para ficar em harmonia com os seus habitadores de então ou, por outra, com os seres transformados, regenerados, espiritualisados, que nella então viverem.

Mas quando? quando é que o homem se tornará mais um espirito do que um corpo, ou antes, em vez d'espirito escravisado pela materia, um pouco de materia que, tornada por assim dizer transparente, dê passagem, avolumando-a, á luz infinita do espirito? E quantas, quantas dezenas e dezenas de seculos serão precisos ainda á terra para que ella se transforme em habitação digna de taes seres, verdadeiro Eden futuro de que o inicial Eden biblico seria apenas um symbolo, talvez?!...

Mas é evidente que lá haveremos de chegar. O progresso é uma lei de Deus. O que seremos nos para os homens do seculo XXX, do seculo XL? Especie de barbaros cuja historia, já um pouco confusa, elles hão de ler com alguma curiosidade e um sorriso de compaixão pelos nossos juizos acanhados, pelos nossos processos grosseiros, pelos nossos calculos inperfeitos, pelos nossos passos indecisos...

E se temos evolucionado atéqui, porque havemos de estacionar agora, que mais elementos de avanço possuimos?

Aos poucos, lentamente, muito lentamente, a humanidade vae avançando sempre na conquista da verdadeira civilisação, que será para ella o supremo Bem, a suprema Belleza, a posse de toda a Felicidade que sobre a terra poderá, gloriosa, attingir um dia.

Aos poucos, sim: para caminhar segura; para seguir segundo a sua lei, que é não dar saltos, como a da Natureza. Aos poucos, devagar: sim: para chegar ao seu termo, para se não cançar a meio caminho; para ir depressa, em summa, porque d'ella é que em verdade se pode dizer que vae devagar por que tem pressa.

Mas caminha, mas avança: e pur se muove, como da Terra dizia Galileu. Avança: e, pois que ella avança, hade lá chegar!

Aos que por ventura se riam d'este meu desesperado optimismo, d'esta minha entranhada fé no *Triumpho ultimo do Bem*, aos que por ventura se riam, pedir-lhes-hei eu que encarem bem de face, que meditem bem de dentro no grande movimento humanitario d'este nosso fim de seculo, tão contradictorio, é certo, mas de cujas contradicções ha de forçosamente resultar a synthese, a harmonia que os seculos futuros realisarão.

Porque é, não ha duvida nenhuma, da realisação de parcellas minimas de ideal, que ao fim se ha de obter a realisação plenissima do Ideal em toda a linha. Porque é de ideaes, não quero dizer relativos, mas parciaes, que se hade chegar ao ideal que peço venia para classificar de integral, pois de absoluto não quero classifical-o, — que o ideal absoluto não será, não, na terra que nós o veremos realisado...

Ora a emancipação da mulher, que trará como consequencia a paz universal, é hoje um d'esses ideaes lançados ao pleno campo da lucta e tambem um dos que sem duvida mais irão contribuir para o avanço da humanidade no radioso caminho d'esse supremo e definitivo Ideal.

Ainda não bem chegado á maturidade, o que se deduz da indifferença d'alguns, da hostilidade de outros, dos risos e das chufas da maior parte, elle é, todavia, á hora que passa, defendido e apostolado pelos mais elevados e mais esclarecidos espiritos do mundo inteiro que nelle veem uma das mais seguras garantias de regeneração social. E isto nos dá direito a esperar que, num tempo cuja duração está pendente da marcha evolucional da sociedade, mas que tudo nos presagia não dever já ser muito remoto, elle ha de ter penetrado, tocado, illuminado com a sua luz de Graça o espirito da maioria dos homens que o hão de comprehender emfim no que elle é, no que elle se propõe, no que elle infallivelmente realisará.

E então a humanidade terá dado um grande passo de gi-

gante na conquista da civilisação. Porque, em verdade, nunca poderá ser civilisada a sociedade em que a mulher se conserve o que ora é, mormente o que ella é na nossa raça latina, —um pobre ser inconsciente e aviltado: inconsciencia derivada da sua ignorancia, e aviltamento originado na miseria e na dependencia em que se encontra. Porque o nivel moral d'uma sociedade ou d'um povo hade forçosamente medir-se, abitolar-se pelo nivel moral da mulher d'esse povo: clevar-se com a puresa e com a elevação dos seus costumes, e, pelo mesmo theor, com a decadencia e com a froixidão dos seus costumes baixar irremissivelmente.

Neste ponto, felizmente, estão de acordo todas as auctoridades.

O segredo da transformação social, são todos concordes em affirmal-o, está na regeneração dos costumes: porque só ella pode dar a unica e possivel preparação para a felicidade, isto é, para o bem commum, para a solidariedade entre os homens e entre as nações por consequencia. Essa regeneração, porem, só pode tratar-se com garantias de bom resultado pela infancia, pela educação da creança; não a educação intellectual ministrada nos estabelecimentos de ensino, nem ainda a educação moral—suppondo que esta um dia venha lá a existir; mas a educação no lar, dada pela mãe ao seu filho, educação que é a base de todas as outras, sem a qual todas as outras lavram quasi sempre em terra esteril, porque é ella que cria os habitos, que radica as virtudes, que forma os caracteres, por assim dizer.

Nesta coisa á primeira vista tão simples,—a educação da creança—é que reside a melhor alavanca para erguer a humanidade e fazel-a avançar, seguro e rapido, no caminho da perfeição.

Tome-se a serio essa tarefa, que hoje tão a brincar se descura, tome-se a serio e oriente-se e dirija-se conveniente-mente, não só no sentido de preparar a creança para a conquista do alimento material, mas tambem, e muito principalmente, para a do alimento espiritual, isto é, preparal-a devi-

damente para ser mais tarde, na familia e na sociedade, um verdadeiro homem de bem: ora emprehenda-se isto, faça-se isto, e para logo veremos attenuados e quasi desapparecidos uma grande parte dos males que hoje affligem a humanidade e se affiguram sem remedio á maior parte dos philosophos.

Emprehenda-se isto, faça-se isto, digo eu; e direis vós todos, quando mais não seja, numa hora boa.

Pois sim: mas a mulher, a quem a educação da creança está confiada, acha-se por ventura, no momento actual, convenientemente preparada para o desempenho d'essa missão tão alta, tão superior, tão difficil e tão complexa na sua simplicidade? Possuirá ella porventura a força moral, o tacto, a lucidez de intelligencia, a quasi clarividencia que é precisa para bem guiar uma creança e formar-lhe o caracter segundo os principios d'Amor e de Justiça, guiando e orientando proficuamente as suas boas qualidades e combatendo victoriosamente as más até as abolir de todo, mesmo nas naturezas mais obstinadas e mais refractarias?

E' toda uma arte que ella tem a realisar, arte cujos processos ninguem conhece ou pelo menos ninguem usa quasi: a de cultivar almas como se cultivam plantas, com a mesma paciencia e com a mesma sciencia; a de fazel-as crescer, fazel-as florir e fazel-as fructificar, como da semente que se lança á terra se faz brotar o ramo que, tornado arvore, de fructos opimos se arreia—com um claro e seguro conhecimento das suas qualidades, dos seus recursos e das suas propensões...

Poderá ella conseguir isto, conseguir tudo isto, com a sua educação superficial e rotineira, com a sua intelligencia obscurecida pela ignorancia, com o seu caracter indeciso e vacillante pela sugeição e pela dependencia em que a fazem viver, sem o tacto nem a força moral precisa para actuar, sem esse methodo e toda essa sciencia de observação que lhe faltam e que absolutamente lhe seriam necessarios para triumphar?

Eu digo que não, e comigo dil-o-hão tambem todos os

que de boa vontade e boa fé pensem no assumpto e conscienciosamente o estudem.

A mulher, para bem educar a creança, precisa primeiro de se educar a si propria: não pode orientar bem quem não possua uma orientação clara e segura; não pode formar um caracter quem o não tenha ou o tenha mal definido e mal firme.

E' preciso, pois, fornecer á mulher os meios de se educar, para ella, por sua vez, poder exercer dignamente o seu mais nobre mister, a sua primeira e mais elevada funcção social,— a educação dos seus filhos. Vae nisso, e para já, um enormissimo acrescimo de bem commum pela melhoria da geração que ha de vir depois da nossa; e para depois, e successivamente, novos e cada vez maiores progressos, aperfeiçoamentos novos e cada vez maiores, como um capital abençoado por Deus, que, como tal, renderá cento por um: e só assim, pela educação da mulher, se irá forçosamente operando a transformação, para melhor, das sociedades futuras, o radioso advento portanto da fraternidade e da solidariedade entre os homens, comprehendida e posta em pratica, como ella deve sel-o, sem differença de patrias nem de raças, de crenças nem de costumes.

Assim tambem o entendem os apostolos da emancipação feminina, que neste levantamento da mulher consideram não só a justiça das suas reivindicações mas ainda os grandes beneficios que hão de advir d'ahi para a civilisação.

Mas quaes os meios a fornecer á mulher para ella se collocar verdadeiramente á altura da sua missão?

Não vejo outros alem do trabalho e da instrucção: porque só no trabalho e na instrucção é que ella pode encontrar os elementos que lhe faltam e de que absolutamente precisa para avançar: é lá que está a sua carta de alforria contra a miseria, e... contra a prostituição, peor ainda do que a miseria; e ainda tambem contra essas trevas interiores, contra essa noite escurissima da intelligencia que aproxima o individuo do animal e o afasta do homem, entorpecendo-lhe e en-

tenebrecendo-lhe o espirito que nascera para aperfeiçoar-se nas luctas do progresso e para illuminar-se da luz viva do sol de Deus, que é o esforço para a triplice conquista da Verdade, do Bem e do Bello neste mundo.

Outros meios não vejo, repito, fóra da instrucção e do trabalho.

A mulher ignorante pode hoje, porventura, ser essa educadora esclarecida e consciente de que a infancia e ainda a mocidade tanto carecem? e, tão pouco pode sel-o tambem porventura essa outra que, na falta do homem que a mantem, só vê em perspectiva a deshonra ou a miseria para sie para os seus filhos, se tem a desgraça de ser mãe?

Houve um tempo em que trabalhar e instruir-se coisa era de que todos se envergonhavam: boa para a plebe, para a ralé, para a canalha; isso sim: mas quem se presasse só a occultas e muito a medo abriria um livro ou pegaria num utensilio de trabalho. Caçar, montar a cavallo e jogar as armas, para o homem; resar as Horas, ouvir madrigaes e matar charadas, para a mulher: isso é que eram bellas occupações que davam o tom e a linha a uma pessoa...

Assim a respeito dos dois sexos em outro tempo se pensava.

Mantem-se hoje ainda para a mulher a theoria d'esses bellos ociosos e d'esses grandes imbecis que elles eram na maior parte...

Tão certo é que, se para o homem algumas vezes é norma o progresso, para a mulher o tem sido sempre a rotina.

E chegou-se assim a este contrasenso: que o que para o homem passou a considerar-se um absurdo e uma vergonha, seja ainda proclamado para a mulher como uma lei e,—oh miseria nossa! como uma gloria.

Porque, aqui o declaro sem medo de que m'o contestem, os males—tão apregoados e, infelizmente, tão mal remediados—que da ignorancia e da ociosidade para o homem resultam, redobram então para a mulher; redobram e multiplicam-se para desgraça da mulher e para desgraça do homem

tambem. Inversamente, se o trabalho e a instrucção nobilitam e melhoram o homem, pelo trabalho e pela instrucção a mulher não só se nobilita e melhora a si propria, mas—o que vale ainda mais—nobilita e melhora a sociedade em que vive.

Não me admira a mim, porem, que homens haja que o contrario pensem, se mulheres conheço eu—e illustradas!—que dizem com elles e com elles se mancommunam na defeza dos mesmos preconceitos e pelos mesmos processos de que elles se servem, aqui auxiliando-se, numa commiseração toda postiça, d'occasião, do velho e refalsado argumento da sua pretendida deficiencia cerebral, e ali alarmando-se romanescamente com essas innovações que viriam roubar-nos toda a graça, toda a belleza, todo o encanto e todo o exquisito perfume do sentimento...

Pois não terão essas senhoras, na sua mesma intelligencia e illustração, a prova mais flagrante de que o cerebro da mulher não é inferior ao do homem? e, libertadas da rotina e do preconceito pelo talento e pela cultura intellectual, não constituirão ellas proprias, ainda, o testemunho mais vivo e o mais vivo exemplo de que a instrucção e o trabalho não desvalorisam a mulher, antes concorrem para lhe augmentar o prestigio, espiritualisando-lhe a belleza, requintando-lhe o sentimento, diamantisando-lhe o caracter?

Ou julgar-se-hão excepções essas senhoras?...

Mas viva Deus, que ha ainda, apesar de tudo, muita mulher intelligente por esse mundo, a quem a instrucção não desnorteou, nem, muito menos, condemnou ao ostracismo; pelo contrario: que pela sua illustração de espirito e pela sua independencia de caracter souberam fazer-se amar e, tornadas esposas, souberam conservar sempre vivo o affecto de seus maridos, alcançando a felicidade, para sua maior gloria, de serem mães de filhos que a sociedade classificou de benemeritos.

E lembra-me involuntariamente aquella anedocta da mãe de S. Pedro, de quem se conta que perdeu o ceo por o querer só para si, cahindo de novo nas eternas chammas juntamente com as outras almas que, como ella e contra a vontade d'ella, procuravam subir para a restea d'alhos que um momento de caridade lhe constituira escada para a bemaventurança...

BEATRIZ PINHEIRO.



#### SALLA DE VISITAS

De RIBEIRO DE CARVALHO:

### **Bernaldim Ribeiro**

-030-

A tarde, nos pomares da minha terra, Longe do mundo, sem ninguem que me ouça, Eu leio o Livro triste aonde se encerra A tua historia e a da menina e môça...

Nos teus versos de amor como ninguem Fez tão tristes ainda em Portugal, Aonde tu soluças o teu Bem, Chora a gente as torturas do teu mal...

Lembram tuas historias, tuas dores, Lendas da medieval Cavallaria, Mortes de corações, Livros de Amores Lidos no outomno, quando finda o dia...

De te ler, nessas horas de tristeza, Confunde-se comigo a tua imagem... Vejo o teu mal no mal da Natureza, E a tua dôr nas dores da paisagem...

Morre-se ao longe o Poente luminoso, O ribeiro descanta alacridades, E eu de pensar no teu vulto saudoso Vou-me enchendo e morrendo de saudades... Evoco a tua alma, doce e amiga, De Namorado, cheia de tristeza, Saudosa e bôa como a lenda antiga De um mendigo que amou uma Princeza...

E vejo as tuas vestes de Romeiro Correndo mundo, sempre numa prece, Poeta antigo, doce Cavalleiro, Cujo romance nunca mais se esquece...

Tão diferente dos de hoje, dos que vão Contando a vida em morbida elegia, Escondias o amor do Coração Com medo que elle o revelasse um dia...

E quando a tua Dama, de outro prêsa, Se partiu d'estas terras, para longe, Lá partiste tambem, numa pobrêsa, Vagando pelas ruas, feito monge...

E extrangeiro por lá, e Peregrino, (O teu Fado de Poeta assim o quiz...) Talvez abençoasses teu destino, Sendo feliz só por a veres feliz...

Ella amando na vida e sendo amada, Tu desamado e só esperando a morte, A' historia della, odiada e depravada, Prefiro a tua lenda, a tua sorte...

Ella passou, nada deixou de terno Na sua vida negra, de espelunca... E tu ficaste, como sendo eterno, Nunca morreste nem esqueceste nunca!

#### AVE-AZUL

Todos te evocam, cheios de saudades, E embora ha tanto os teus males se contem, Vives sempre nas nossas mocidades, Como se acaso ainda fosses de hontem...

E eu, amando tambem sem ser amado, Peito sem crenças, de esperanças nú, Gostava assim de ser um Desgraçado Para viver em lendas, como tu...

(Do Terra-Mater, em preparo)



De HENRIQUE LUSO:

### MORTAI

-

Tinha-me elogiado muito aquelle exemplar: uma rapariga

de vinte annos, formosa, esculptural e pura.

—Nos tempos que vão correndo, me disse elle rindo, na despreocupação com que, ao mesmo tempo, atirava fóra uma ponta de charuto,—estes casos são muito raros e lá na eschola dão assumpto para fortes commentarios...

E com uma naturalidade imposta pela pratica do seu mis-

ter:

-E o bisturi parece que entra melhor na carne virgem...

E teve um sorriso que eu não acompanhei, disfarçando a

má impressão d'aquelle torpe gracejo.

Não pude resistir á tentação; pedi-lhe que me arranjasse meio de poder entrar na casa das autopsias, á noite, sem testemunhas nem companheiros.

A presença do meu amigo, com o desprendimento rude da sua profissão de medico, com os seus remoques realistas e por vezes sacrilegos, queria eu a todo o custo evital-a.

—Temos romance em preparação e queres fazer um estudo d'aprés nature. E' facil; arranjo-te a chave d'uma porta lateral e ficas á tua vontade. Eu não posso acompanhar-te, porque tenho á noite uma visita a fazer a um doente de gravidade.

Respirei; e despedi-me.

A' tarde, já munido da chave, esperei que se avisinhasse a noite para pôr em pratica o meu intento.

Attrahia-me aquella aventura.

Atravessava eu então uma epocha em que a minha imaginação se perdia em deliquios de sensibilidade, achando um particular sabôr a todas as coisas funebres. Nos meus sonhos apareciam visões de mortos fazendo danças macabras nos cemiterios e mostrando, sob os andrajos apodrecidos e rôtos das suas mortalhas, as tibias descarnadas e carco nidas.

E as caveiras tinham ainda vagas semelhanças com algumas pessoas que eu havia conhecido em vida, com alguns amigos com quem tinha tractado na intimidade. Sorriam, mostrando uma dupla fiada de dentes muito brancos e o seu sorriso era interminavel, diabolicamente monotono... Morcegos cortavam o ar e sobre os marmores dos mausoleus corujas piavam soturnamente, batendo com força as azas muito negras.

De manhã, quando acordava, sentia-me fatigado: mas não deixava de dirigir os meus passos até ao cemiterio onde reconstruia a scena da vespera, parecendo-me até vêr, sobre as sepulturas, as pégadas dos meus personagens nocturnos.

Por essa occasião é que eu, enervado por esta doença mo-

ral, aproveitei o ensejo de colher novas impressões.

Sahi de casa, caminho da eschola anatomica, na disposição de espirito, com que, n'outros tempos, ia a um restaurante comer ostras e beber um calix de Bordeus.

A noite estava fçia, muito limpa. Estavamos em dezembro; corria um vento gelado e a lua, como um balão muito cheio, subia, muito branca, no azul escuro do ceo.

Aproveitei a occasião de não passar ninguem pela rua, abri a porta do edificio e accendi um bico de gaz.

Sobre as mezas destacavam montureiras de despojos humanos, n'uma amalgama de carne triturada e sangue coagulado.

Pairava um silencio funebre: o ruido dos meus passos echoava tristemente no recinto.

A um lado, sobre uma das mezas, lá estava a rapariga morta, muito hirta, como um i estatua de marmore, a rivalisar em brancura com a pedra sobre que repousava. Era admiravelmente bella, d'uma esculptura impecavel. Os cabellos negros espalhavam-se, abandonados, n'um desalinho profanado, sobre os hombros bem torneados. Os seios, rijos

e pequenos, faziam uma suave sinuosidade no colo alabastrino com veios de saphira desmaiada. Os labios parecia que tinham soltado, n'aquelle momento, o ultimo suspiro em que se lhe esvahira a derradeira esperança...

Pensei então n'aquella mocidade morta, como uma flôr que o tufão estiolasse e deitasse por terra. Que poema tragico de desejos e de desillusões, de sonhos e de promessas, tudo desfeito e perdido! Todo aquelle conjuncto de bellezas devia, passadas algumas horas, começar a apodrecer, a esphacelarse... E ao lembrar-me que, antes d'isso, aquelle corpo tão appetecido, ia ser retalhado em caprichosos zig-zagues e lançado á cova n'uma massa informe e horrivel, tive como que uma revolta contra essa profanação que me parecia mais sacrilega do que a exposição ali, n'aquelle impudôr funebre, da sua nudez sobre a qual nenhum olhar tinha pousado e que, no dia seguinte, ia servir de pasto ás galhofas estupidas dos estudantes de anatomia.

E, não sei porquê, senti que a amava e tive tentações de a beijar, aquecendo aquelles labios com o calôr do meu affecto.

N'isto, um raio de luar, entrando pela janella, veio, na sua brancura luminosa, pousar nas faces da morta.

Beijava-a; porém, que beijo tão frio devia ser aquelle trocado entre os dois, connubio do Luar e da Morte!...

Reparei então que os olhos do cadaver não estavam bem fechados. Ter-se-iam aberto para vêr, pela ultima vez, a dôce claridade do luar? Cautelosamente, muito a mêdo, então, como se temesse despertal-a, levantei-lhe as palpebras semicerradas... As suas retinas, n'um olhar apagado e vago, fixaram-se em mim... Tive medo! Deixei-lhe cahir as palpebras que ficaram mais entreabertas ainda, e fui recuando até á porta, perseguido sempre pelo seu olhar que parecia implorar o meu affectuoso adeus...

Cá fóra o ar frio da noite reanimou-me. Um grupo de

rapazes meus amigos seguia, caminho d'um restaurante, na intenção de passarem a noite esturdiamente em companhia d'umas cocottes. Convidaram-me; fui. Tinha necessidade de beber muito, de aturdir-me . . Invadira-me a frialdade d'aquelle cadaver; precisava de aquecer. A noite foi ruidosa de alegria e de volupia. Ditos de espirito esfusiavam de mistura com o espumar do champagne e as gargalhadas das mulheres.

O ambiente estonteiava: sahi d'ali para ir lançar-me nos braços da Lola, uma andaluza que eu fizera minha amante e que me explorava ignobilmente.

Porem n'aquella noite aquelles bracos, d'uma brancura de jaspe, pareciam-me frios, d'uma glacial frialdade; e o olhar da Lola não era ardente e voluptuoso como das outras vezes. E os meus beijos esfriaram ao contacto d'aquelle corpo e fechei os olhos para não vêr o olhar apagado e vago do cadaver, o olhar que me perseguia, apagado e vago, da morta...



De JAYME CYRNE:

## ORAÇÃO DO AMOR

I

O' minha santa estrella guiadora, Pomba da côr da Paz, serena e mansa; O' vestida da Graça,—Redemptora, Cujo bemdito olhar, flavor da aurora, Me inunda a Alma do clarão da Esp'rança:

Sonho de leite, Sonho de alabastros, Branca Visão dos Sonhos de fragrancia; Alma suprema, diademada de Astros, A quem segue, cantando, os claros rastros A Confraria angil da minha Infancia:

Virgem de lindos olhos de Luar, Que Deus mandou á minha Mocidade Para irmos ambos caminhando a par; Afilhada do Ceu,—fada estellar Sobre este exilio todo de saudade:

Venho pedir-te, ó Noiva estremecida, Na confiança ingenua d'esta graça, Que, p'los atalhos maus da minha vida, Me não deixes sem morte e sem guarida, E me furtes ao lucto da desgraça!

Peço-te de Alma e Coração magoado Que, nas horas de fel, mais tormentosas, Me não expulses do teu peito amado; E que essa mão, que acolhe o desgraçado, Na minha estrada só desfolhe rosas!... Em vão caminho, morto de cansaço, Arrastando a grilheta do Soffrer... Não me esqueças, no arminho do regaço; E que esse olhar astral me vista de aço Para luctar—luctar! e p'ra vencer!

Anda cá, vale á minha desventura, Que os males e as desgraças não têm fim! Consola-me, que a magua é sempre dura! E, como és Santa e bôa e como és pura, Nas tuas rezas lembra-te de mim!

Num rir feliz de lucidos harpejos, Acolhe-me debaixo da tua aza, O' Pomba do pombal dos meus Desejos! Olha-me, falla, c'rôa-me de beijos: —Fogueira santa que a minha Alma abraza!

N'uma serena benção perfumada, Liberta-me das trevas d'este horror, Onde peno em miseria angustiada!... Abençôa a minha Alma enamorada, E guarda bem no peito o meu amor!

Depois, prende-me á vida um fio de oiro Dos caracoes do teu cabello lindo, D'esse cabello muito farto e loiro, —Das ledas Graças e de Amor thesoiro! E deixa-me ficar, assim, dormindo!...

ΙI

Pelo caminho errante da Incerteza Andei, por longo tempo, noite e dia, Contra a Dôr numa lucta sempre accesa! Circumvagava o olhar: a Natureza Eivava-me a afflicção que me pungia!

Sentia frio na Alma!... Sempre absorto N'uma inconstante luz incognoscida... Quiz, mas não pude! ir abordar ao porto, A' almejada estancia onde o conforto Abriga os miseraveis sem guarida!...

Eu, visionario, eu, triste, eu, sonhador, Moço p'regrino com visões doiradas, Fui procurar quem me valesse á dôr, Como quem vae, num extasis de amor, Gemendo em sonhos, evocando fadas...

Um bordão de romeiro por encosto, Resignado, segui sem descançar, Quasi sem forças, cheio de desgosto; Rasguei os pés, cortei as mãos e o rosto, E não achei ninguem p'ra me guiar!

Debalde erguia a Deus minha alma rude...
Mas um dia, no termo da viagem,
Uma visão de gloria e de virtude,
Cheia de graça e toda em magnitude,
Veio furtar-me ao lôdo da voragem!

Chamou-me para si essa Visão, E fez-se paz em mim a dôr vencida... Bemdita sejas tu!—disse eu então...— E Ella, a sorrir, tomou-me pela mão, E entrou comigo p'los humbraes da Vida!

Eras tu, minha Esposa espiritual! Sim, eras tu; disseram-m'o teus labios! Ouvi-te: e áquella voz angelical, Vi teu vulto de neve e de aromal, Sereno como o espirito dos sabios!

Alheio a mim—automato, não ente— Sob a tortura em que eu tombei inerme, Achei-me transformado de repente, Só porque tu surgiste em minha frente, Só porque tu vieste proteger-me!

Devo-te a vida que o mais vil soffrer Arrebatava a tragicos horrores... Por isso é que eu te rezo, estranho Ser! Por isso é que eu te adoro, Anjo-mulher, Como a visão d'um Sonho de esplendores!

Trouxe-te Deus risonha e cariciosa, E tu ficaste a derramar o Bem... Eia, pois, toda-misericordiosa, Sobre mim deita a benção religiosa Da luz do teu bemdito olhar. Amen.

(Da Alma enamorada, a entrar no prelo.)

Arêgos - 99.



De LOPES D'OLIVEIRA:

## Fialho d'Almeida

-00c

A mais superior organisação de escriptor-artista possue-a em Portugal o Fialho, antes e melhor que todos, nessa bella e bizarra forma, d'um colorido intenso, d'uma originalidade surprehendente, alliando a um temperamento ardente e arrebatado de meridional uma lucidez talvez por isso inda mais forte, que caracterisa a sua Obra.

E' elle hoje sem contestação o nosso melhor estylista, o nosso mais vigoroso prosador e o unico dos novos que poude galhardamente, victoriosamente, sem cotterie, abrir fileiras e occupar um logar na nossa litteratura entre Camillo, Anthero, Herculano, Ramalho, Eça e Theophilo.

E foi uma conquista audaz, feita honradamente, a passo de carga, deixando apoz si, com o brilho fulgurante do triumpho, o assombro de todos que viram dia a dia a affirmação d'essa extranha individualidade litteraria, realisada denodadamente pelo mais brilhante espirito da nossa terra.

Fialho d'Almeida é o escriptor portuguez que mais largas e multiplas aptidões possue.

Contista, é elle certamente o unico que bem, em Portugal, se pode chamar um Mestre.

Tem o rarissimo condão de, em poucas paginas, erguer os personagens, desdobrar a acção, evidenciar os typos, estudarlhes o caracter, fazer resaltar a sua psychologia;— tudo isto rigorosamente, graduando a nota impressiva que, creada a emoção, a engrandece, dando-lhe Vida.

Que ha ahi de mais bello, mais enternecedor, vibrando os nervos, agitando o Coração, do que a Madona do Campo Santo, em que num fundo côr de rosa, esmaecido e diaphano, como diluido em lagrimas, perpassa esse vulto attrahente e suavissimo de mulher, como uma virgem candida e es-

tonteante d'uma ballada antiga levada pela Morte, nessa extraordinaria e doentia paixão por Arthur, o Artista atormentado, mordido de genio, e paralysado pela inercia atroz, anniquiladora, fatal dos dispersivos?

Ha ahi uma forma nova, inedita, espiritual de Amor.

Nos contos de Fialho não ha o mesmo bordão de arrimo; percorre-se nelles toda a vasta gamma do sentir, scenario, typos, epochas e costumes differentes, indo desde o tragico ao comico, desde o viver alegre, socegado, satisfeito e sereno das aldeias até á vida de farça das cidades, nos cafés e nos theatros, nas salas e na alcova, nos passeios e nas praias, na distancia que vae d'esse pungente drama da Tragedia d'um Hom m de genio obscuro, d'um tom hallucinante e macabro, como o d'essas paginas visionistas de Edgar Poë, até á satyra mordente do Milagre do Convento, do Morgado, -- como cá só a possuiu esse velho portuguez, suicida em S. Miguel de Seide — ou ainda a essas narrativas idyllicas, graciosas, numa prosa cantante, rithmica, embaladora, que nos suggestiona d'essas scenas ridentes, na rudeza simples do amor puro, pelas noites luarentas e perfumadas, presos os amantes num beijo, pela toa da longinqua das cantigas dolentes e dos accordes da guitarra que parece gemer dolorida e gritar depois, em desespero, uma ancia á Vida.

E quanta Arte nessas pequenas notas, leves, rapidas, incisivas que abrem um traço luminoso que nos dá a feição occulta e intima d'uma coisa despercebida mas que lá é indispensavel assim, sem pormenorisação que lhe tiraria essa força de intimidade da idéa que fere na leitura e que vae só inda depois completar-se no nosso espirito!

D'ahi talvez, d'essa superior qualidade, a finura, a graça i ronica que nos dá a sensação de bicadas, ás vezes dolorosamente, num impressionismo que arrasta, na subtileza scintillante, delicada e caustica, que como critico o collocou par a par com Ramalho pela publicação d'essas impetuosas paginas d'Os Gatos, sem duvida inferiores ao scientificismo vulgarisador d'As Farpas, mas excedendo-as em Arte, no arremesso conoclasta da satyra funda, incisiva, destruidora.

D'um assumpto banal e chão tira elle com uma graça inaudita, as notas mais inesperadas, em que o ridiculo, o facto anedoctico—resalta d'uma forma nova, alacre e hilariante.

Os livros de Fialho d'Almeida constituiram-lhe uma solida reputação; as suas paginas attestam o seu genio, numa intensa e estonteante rajada de luz.

A sua Obra garante-lhe que o seu nome a elle sobreviverá;—falta-lhe porém a elaboração d'uma outra, maior inda, synthese expressiva e superior d'esta atormentada Vida de Dôr, limitada entre a infamia e a miseria, d'um cyclo, apesar de tudo, grandioso por essa extraordinaria e nevrosiante lucta, que é um avançar desesperado e supremo, dos heroes da Verdade e do Bem, que inundam de luz plena a gloriosa historia do seculo que finda.

E essa sim, essa seria bem uma grande e assombrosa Obra de genio, uma extranha e gigantesca Obra humana.



De JOÃO LUCIO

# A SOMBRA

A Carlos de Lemos



Oh sombra—halito mau dos tumulos abertos— 'Spiritualisação de toda a dor antiga, Adivinho que tens sentimentos incertos, Como se houvesse em ti muitas almas em liga.

E's um pouco da noite e és um pouco do dia, Tão triste e vaga assim como uma desventura; E, para se abrigar, em noites d'invernia, Dás um lençol escuro a cada sepultura.

Esmagada no chão vas-te sempre arrastando
—Oh sombra, por que crime é que estás condemnada?—
Sente minha alma triste até que vás chorando:
Ha um ponto subtil em que lhe estás ligada.

Serás tu, por ventura, uma nodoa com azas? Que és tu que eu nunca pude abrir e dissecar, Tu que mentes ao chão dou lo a forma das casas E de tudo o que nelle andas a projectar?!

E's uma nevoa escura em que se sente a magua E que tem, por castigo, a tremenda desgraça De não poder chorar nem uma gota d'agua, P'ra dizer a sua dôr a quem perto lhe passa.

Oh sombra, és a poeira em que se transformaram Os sonhos que jamais foram realisados; O sepulchro onde estão illusões que tombaram Dos olhos sem luar, dos peitos desgraçados. Quando um corpo se parte, um grito em estertôr, D'alguem a suffocar, sae do crystal partido; Estala o coração, como um crystal, com dôr E o seu grito só chega, oh sombra, ao teu ouvido.

Quando te fico a olhar, nos sentidos absortos Desdobra um nevoeiro os seus pesados véus: E's a respiração das campas e dos mortos: Lançaram-te os pulmões dos grandes mausoleus.

E's tu que vás encher as ruinas de saudade, Accentuar-lhes bem os gestos desolados, Esqueletos de pedra em triste soledade Que, á noite, ao luar, parecem animados.

Soluça cada pedra e nas fendas abertas Sente-se o desespero enorme do granito: Eleva-se um clamor das ruinas desertas: Em cada grão d'arêa ha um profundo grito.

Foste tu que alargaste a grandeza da Cruz Erguida, como exemplo, á face do Universo, E tão grande a fizeste, oh cinza alva da luz, Que se alargou o ceu para lhe dar ingresso.

Oh bocejo subtil, halito mortuario, Braço vago da Treva espalhando docuras, Tu soubeste afogar o drama do Calvario Na escuridão sem fim das velhas sepulturas.

Assim como um 'spião tu andas a meu lado E vaes para onde eu vou e fazes o que eu faço: Ficas parada assim que eu quero estar parado; Eu ergo um braço e tu ergues tambem um braço.

#### AVE-AZUL

Não foges, como a Noite, ao florescer da aurora, Não tem medo á sua luz o teu corpo cinzento: E's um crepusc'lo leve a cair hora a hora, Uma cinza meuda em que não pega o vento.

Sombra—laço subtil que liga a Noite ao Dia, Consolo para o olhar que a luz nos maguou, Eu procurei-te só p'ra ver se me esquecia D'olhar p'ra dentro em mim, de vêr tudo o que sou.

Oh cinza do Luar, oh vaporisação D'olhos mortos talvez, ou de beijos perdidos; Vem trazer-me a tua paz: enche-me o coração: Vem dar-me o teu socego: affoga-me os sentidos

(Do Descendo).



## DUAS ALMAS

O Amor è mais forte do que a Morte...

-38c-

Conheci-a de lhe ver o retrato num velho album de familia.

Era um retrato minusculo, desbotado, apagado, de tintas a diluirem-se num cinzento alvadio, côr de fumo a quasi se confundir com o cartão d'um amarello descolorido e sem brilho, já ao de leve esfumado, tambem...

Impressionou-me tanto aquelle pequenino retrato!

Retrato de mulher muito nova, uma flor nos bandós ligeiramente ondeados, os olhos grandes, pretos...—deviam ser pretos aquelles lindos olhos de pestanas franjadas, velludosas...—o busto a emergir da saia comprida numa linha sobria de ondulações mas elegante, d'uma real e suprema elegancia com qualquer coisa de muito impressionante que vinha por certo d'aquella delicadeza extrema, d'aquelle esguio fragil e quebradiço de lyrio...

Voltava-se a folha, seguia-se.

Mas, de subito... Ficara qualquer coisa que se não vira bem!... O quê?

Ah! sim! a graça immaterial do corpo, pretexto para uma alma de todo elle a irradiar-se; e a forma leve, deliciosamente leve, dos pés, a evocar qualquer coisa de imponderavel,—ondinas deslisando á flor de lagos azues, vagas formas fluidicas adejando nos espaços ou debruçando-se dos salgueiros immoveis numa curva aerea, graciosa, rythmica, d'um equilibrio ignorado e mysterioso.

Era isso, era! e tambem o contrahido da bocca nos cantos, escurecendo a face numa leve sombra dolorosa; e ainda — e sobretudo — o olhar parado d'aquellas pupilas, parado e vagamente espantado e angustiosamente hypnotisado na longinqua visão d'uma desgraça ou na presciencia ainda mal definida mas já torturante, já obsessionante, de qualquer coi-

sa de fatal a abater-se sobre ella, sobre a sua vida, sobre a sua felicidade.

Olhos de illuminada, olhos de vidente d'uma rara affectividade extra-humana; corpo tão leve e gracioso que mal parecia tocar na terra, que se não extranharia ver sumir, ver desapparecer, evolar-se, diluir-se como numa visão...

E já se não voltava a pagina: e a gente ficava-se horas e horas parada ante aquelle pequenino retrato desbotado, numa attracção, numa quasi obsessão, inquirindo d'aquelle rosto sereno, mas tão extranhamente expressivo na sua serenidade, toda uma vida torturada de persentimentos angustiosos, concretisados por fim numa realidade tragica, dilacerante e irremissivel.

Tambem, quando indaguei da sua vida, do que ella fôra, do que ella realisara sobre a terra, a voz a tremer-me num arripio involuntario de susto, foi toda uma historia dolorosa a que eu ouvi, a que me contaram numa voz baixa e lenta, cortada de silencios, triste ainda, apesar dos annos que sobre as suas cinzas tinham passado num apagamento, num quasi esquecimento.

\* \*

Logo de muito pequenina o caracter se lhe accentuara. Era meiga, doce, compassiva, d'uma compaixão que se estendia a todo o soffrimento, sem comtudo ir prejudicar o exclusivismo das suas affeições em que ella punha uma ternura exaltada, febril, uma ternura quasi desvairada por vezes. D'uma intelligencia muito viva e muito cultivada para o tempo, lia, lia tudo o que encontrava, dando sempre preferencia a quanto fosse maravilhoso e phantastico,—contos de fadas, historias d'almas em penas, lendas de phantasmas e de duendes...

Imaginação exaltada até á sensibilidade; espirito contemplativo até ao extase.

Ainda pequenina de berço, quando a mãe ia pé ante pé afastar-lhe as cortininhas azues -Jesus! tanto dormir!—já então a pobre mãe estremecia num sobresalto, vendo-lhe os

grandes olhos muito abertos, cheios de vago e de sonho, quando fechados é que ella os esperava encontrar...

E aos dez e doze annos, quando todas as creanças saltam e brincam numa alegria ruidosa, que de vezes foram dar com ella, principalmente nas noites claras, em que a lua enche todo o ceo com o seu clarão d'oiro pallido, sentada nos bancos do terraço, immovel e silenciosa, os olhos perdidos nas estrellas e o rosto todo molhado de lagrimas, lagrimas quentes, vagarosas, que deslisavam sem ella mesma dar por isso.

Porquê? Nem sabia que dissesse ... Uma tristesa inexplicavel, uma saudade infinita a dentro de si,—saudade d'esse canto vago, d'essa vaga muzica de sonho que lhe vinha de não sei d'onde: da lua que apagava as estrellas como o vôo d'uma aza; das estrellas que dealbavam o azul como azas d'um sonho; do ceo que todo se espiritualisava como um paiz onde morassem almas: num echo apagado e longinquo, mas harmonioso, mas absorvente e hypnotisante até ao extasis.

Fôra crescendo: mas a edade não lhe dissipara essas tristezas ignoradas nem lhe seccara essas lagrimas sem causa: tornara-lh'as, todavia, mais raras e menos intensas tambem. A saude melhorara um pouco: o rosto era já menos pallido e o corpo formara-se sem nada perder d'aquella graça fragil e doentia de choupo elançado e esguio.

Uma feiticeira que passara pelo sitio, lera-lhe um dia o destino na palma da mão; mas depois de a olhar por muito tempo, muito tempo, fôra-se embora sem nada querer dizer, a abanar longamente a cabeça e a murmurar por entre dentes alguma coisa, qualquer coisa que ninguem logrou nunca saber o que fosse...

-Ruim presagio, ruim presagio! dissera a mãe toda as-sustada.

Ella sorrira levemente encolhendo os hombros num vago gesto de incredulidade.

E afinal, se fosse presagio mau, que lhe importava?

Por esse tempo viera da India a Portugal, com o filho, um tio que ella nunca vira, irmão do pae que lhe morrera.

Era elle, esse novo primo que lhe chegava lá de tão longe,

bello e gentil como poucos, e como poucos possuindo uma alma forte, cheia de elevadas e nobres aspirações.

Vinte annos elle; ella dezoito: ambos bellos, ambos intelligentes, ambos amoraveis: amaram-se... E amaram-se desde logo profundamente, irresistivelmente, exclusivamente: um olhar, um aperto de mão: e as almas um do outro uma para a outra voaram a unirem-se para todo o sempre num estreito abraço infindavel.

Ella sobretudo, pela sensibilidade morbida dos seus nervos, pela natureza mesmo do seu caracter, pôz nelle todas as forças affectivas do seu coração e toda a vida ardente da sua alma. Sem elle tudo lhe faltava: a alegria, a energia, a coragem. Raro fallava: alheiada, distrahida e absorvida no sonho. E o seu corpo tinha gestos exquisitos, tomava attitudes singulares: como de somnambula que se erguesse e se agitasse e vagueasse na lucidez d'uma visão...

Combinou-se o casamento entre as duas familias. Seria

na primavera, no mez de maio —ofimez das flores.

Os noivos iriam passar a lua de mel á Quinta dos Laranjaes, a mais bonita, aquella cuja casa fôra retocada de fresco. Levariam para lá todas as lindas preciosidades trazidas da India; e os livros d'elle; e tambem o cravo e a harpa em que ella tocava.

E seguia-se toda uma febre de projectos, de combinações, de preparativos...

Os noivos sorriam, cada vez mais extaticos, á felicidade que se aproximava. O mez de abril morria; estava ahi o mez de maio...

Mas uma carta da India: -morte do gerente, transtorno subito de negocios...-obrigava o pae, D. João Menezes de Coutinho, a ir á India.

Manias de velho: quiz levar o filho consigo: far-se-hia o casamento á volta: elle arranjaria tudo de modo a não ser preciso voltarem lá, a poderem depois ficar para sempre em Portugal. E não admittia contradicções nem pedidos: eram escusadas choradeiras: inflexivel e duro, não arredaria um passo do que dissera.

—A mana educou muito mal esta menina, dizia para a cunhada indicando-lhe a sobrinha, o rosto num rio de lagrimas.

—Ai, João! que te não torno a ver! soluçava-lhe ella á despedida, abraçando-se nelle convulsivamente.

-Jesus, Amor! que loucuras as tuas! hei-de vir, pois então? D'aqui a um anno, talvez menos, já nós...

E não concluiu: faltou-lhe a voz de repente. Atirou consigo para cima do cavallo e esporeou-o numa fugida, suffocado, anciado, cego de lagrimas tambem, como ella.

Partiram. Mezes e mezes passaram.

Ella vivia quasi só da vida reflexa que lhe vinha do passado: absorvida no sonho do que fôra, sonho calmo e talvez feliz, se o não turvara aquelle acordar de todos os instantes para a presciencia d'uma desgraça que já sentia perto.

E o corpo adelgaçava, enlanguescia sob a oppressão crescente d'aquelle pesadello consciente e lucido; e nos olhos, cada vez maiores, cada vez mais fundos, as pupillas dilatavam-se, dilatavam-se extranhamente e angustiadamente, como a perscrutarem na sombra o horror que se teme mas que por isso mesmo nos attrae.

E as cartas vinham sempre regulares, ternas, apaixonadas, dia a dia mais impacientes e insubmissas.

«Sinto-me morrer de saudades. Como meu pae póde ser «tão mau para mim! A minha vida é ahi: sinto-a ahi; vi-«vo-a ahi. O corpo, para lhe obedecer, está nesta terra; mas «a alma!..

«O' meu Amor! que saudades das noites d'ahi, d'aquelles «silencios em que nos ficavamos a olhar o ceo... ouvindo «fallar baixinho os nossos dois corações! Lembras-te? E lem«bras-te, tambem, d'essas rosas brancas de tão lindo perfume «que eu ia buscar aos Laranjaes numa fugida, de manhã muito «cedo, para depois no jardim, de baixo da janella do teu quar«to, aguardar com ellas o teu despertar?... Lembras-te?...

«Eras tão fresca e linda sob a verde moldura das glyci-«neas! Meu Deus! e póde a gente não morrer de saudade! «Mas que importam distancias ao meu pensamento? Pelo «pensamento, d'aqui de tão longe, eu lá vou aos Laranjaes»

Ave-Azul-3

«como então, colher as rosas que tu amas sobre todas as ou-«tras; e de manhã, ao abrires a janella, a minha alma lá está «de joelhos para coroar-te os cabellos, para ungir-te as mãos «de perfumes, para beber-te a luz dos olhos, esses lindos olhos «que eram toda a minha vida e eram toda a minha suprema «consolação.

«Pois não a sentes tu, meu Amor? não a sentes tu e não «a vês tu ao pé de ti, a minha alma?...

Se se lembrava, se lhe sentia a alma, se a via quasi, meu Deus?!

Pois, o que era esse leve clarão que de noite se formava no ar tanta vez, e vinha, suavemente, desfazer-se-lhe no peito em chuva de flores, em ondas de luz?

E de manhã...

Fôra só uma vez: mas então vira-o, vira-o a elle proprio, vira-o tal como elle era e na mesma attitude em que, debaixo da janella, costumava aguardal-a para lhe offerecer as rosas colhidas nos Laranjaes.

A manha estava muito bonita: d'uma alvura noival; rosada e melodiosa; um encanto.

Recordava-se tão bem! Ella olhava as arvores floridas de novo mas sem quasi as ver e sem mesmo pensar em nada, quando ao rosto lhe sobe, num afago, o perfume tão raro das suas flores preferidas, e uma voz conhecida, uma voz muito amada—a voz sobre todas amada!—a chama ao de leve, muito ao de leve, debaixo da janella...

Deus do Ceo, era elle! era elle, o seu João, a fital-a, a sorrir-lhe, a agitar os labios nas duas syllabas do seu nome—Branca!—sem que, todavia, o som da voz vibrasse no ar.

Era elle, era elle, não se enganava!...

Mas quando, doida de felicidade, acreditando já numa surpresa, ia a correr para elle, a estender-lhe os braços num grito de toda a sua alma... eis que a visão se desvanece, se apaga no ar luminoso, e lentamente, muito lentamente, se vae diluindo, diluindo, até sumir-se, até desapparecer...

E do que era elle, do que fora elle momentos antes, nada mais ficou do que o perfume das rosas, o perfume das rosas que elle não trazia, mas que se conservou por alguns momentos no ar, vivo e fresco e enebriante.

E isto, longe de a acalmar, dava-lhe ainda mais febre, punha-lhe ainda nos nervos mais acuidade, tornava-a mais lucida, emfim, definindo-lhe o presentimento e convertendo-lh'o, de vago e de hesitante que era, numa certeza implaca-vel de morte.

Sim, elle havia de vir, havia de vir uma vez; mas para a chamar, para a levar comsigo para debaixo da terra, aos esponsaes do tumulo.

E fechava os olhos, e tapava os olhos com os dedos para não ver, num grande e desvairado terror da apparição.

Mas uma carta cheia de alegria, de esperanças, de projectos, serenou-a e deu-lhe um pouco de confiança.

«A' leitura d'esta carta já eu estarei a caminho, ou, pelo «menos, prestes a partir ...

—E quem sabe? pensava ella: talvez me engane... ou seja para mais tarde o que presinto, o que vejo!... Junho... devem estar ahi em agosto ou setembro... E os Laranjaes são tão bonitos no outomno! Meu Deus, meu Deus, deixa-nos ser felizes sobre a terra!...

Mas elle veio uma noite, já noite alta.

Ella não tinha podido dormir, e sentada na cama, lia um livro á luz da vela. Elle penetrou sem ruido atravez a porta fechada, muito pallido, uma grande sombra de tristeza nos olhos...

Ella, apesar do silencio não ter sido interrompido, com os olhos fitos na porta e o coração parado, havia instantes que esperava não sei o quê...

Então, quando o viu, o grito que reboou pela casa foi tão estridente, tão dilacerante, tão agudo e tão intenso, que todos acordaram e se ergueram numa grande afflicção, a indagar do que era.

Mas ao seu grito, elle recuou até á porta silenciosamente, muito triste, dando-lhe assim a entender que se ia embora para a não assustar: e foi ella então que o chamou, que o chamou para si numa ancia, os braços estendidos, a voz al-

terada, transfigurada pela exaltação e pela paixão. E quando elle veio, transfigurado e radiante de felicidade tambem, depois do beijo que os seus labios trocaram longamente, ao tempo que a visão se apagava e a mãe toda afflicta abria a porta num empuchão, ella tombou para o lado num desfallecimento, muito branca, a sorrir vagamente, no branco dos olhos as pupillas como que suspensas da visão que nellas se fixara.

E assim ficou por muito tempo, baldados todos os esforços para chamal-a á realidade, para arrancal-a ao extasis...

Só pela madrugada é que pareceu acalmar um pouco... para dizer o que se passara e para despedir-se de todos—ia morrer, ia ter com elle!—e isto muito alegre, muito alvoroçada, a voz vibrando como um echo da infinita felicidade que lá dentro lhe cantava e que lhe subia aos labios e dos labios lhe tresbordava como um grande mar em maré-cheia, sob o luar.

Ia ter com elle: ia morrer...

E morreu... algumas horas depois de lhe ter morrido o noivo a bordo do navio que lh'o reconduzia aos braços.

Voou-lhe a alma com o primeiro raio de sol que lhe entrou pelo quarto numa caricia, a beijar-lhe os cabellos, a beijar-lhe os olhos, a beijal-a toda e a envolvel-a toda num vago perfume ainda das rosas brancas dos Laranjaes...

BEATRIZ PINHEIRO.



#### HORA INEFFAVEL

-- -- ·

Os olhos nos olhos fitos: As mãos nas mãos esquecidas: Quantos annos, quantas vidas Nuns momentos... in finitos!

Momento rapido e lento...

Que resta d'elle?...—a Saudade!

O Amor faz-nos viver em um momento

A Eternidade.

E, como que por instincto,
Ficamos ambos calados...
—Dois corações, transviados
No meio d'um labyrintho,
Que se encontram: e, abraçados,
Já sem maguas, sem cuidados,
Se fazem d'esse recinto
Uma bemaventurança,
Onde a Vida os não alcança!

Olhar que tira a memoria Do que foi, do que será... A alma de quem o bebe está na Gloria: Não está cá.

E não te digo o que sinto;

Nem tu o que sentes me dizes.
O que sentes? o que sinto?
Que somos assim felizes...
Sentimos: e o que sentimos
Pelas mãos o transmittimos.

Magnetismo: espiritismo: Alma nas mãos a vibrar... Extasis!— Venha agora um cataclismo, Que ha-de ajoelhar!

Onde estamos? onde estamos?
E' para o Céo que subimos?
Céo d'amor: sim! e saudade
D'outro Céo onde nos vimos
E onde, ao certo, nos amamos
Com a espiritualidade
Que nós agora sonhamos,
Que nós agora sentimos,
Como se voltasse a Edade
De que, sem fallar, fallamos...

Nesse dialogo mudo, —Espirituaes confidencias!— Tanto que as Almas dizem! e são tudo Reminiscencias...

Eu fallar?—Se fallo, minto: Não a ti: mas a este amor Que a minha Alma te consagra, Porque me falta palavra Com que traduza a rigor Todo o amor que por ti sinto... Fallares tu?-Para quê?!... Tudo o que sentes eu sei: O teu amor bem o leio No brando arfar do teu seio, Na doce luz dos teus olhos... Dos teus olhos?!...—Dos meus olhos: Que é pelos teus que os meus vêem! (Sem elles tacteio incerto...) Que é pelos teus que os meus lêem Na tua alma - Livro-Aberto . . .

Rouba a falla... rouba a falla O olhar que falla de amor!... Quando o Sol glorioso vem beijal-a, Que diz a Flôr?...

Quem sabe dizer que lingua Fallam os Anjos do Céo?... Da lingua do Céo à mingua, Calas-le tu: calo-me eu.

Nem fallar se faz preciso:

—Quem tem na Alma o Paraiso

Reflecte-o bem no olhar: no olhar diz tudo...

E fica mudo.

Os olhos, quando se fallam, São rouxinoes a cantar... Por isso os labios se calam, Não vá o canto acabar!

Basta que, de quando em quando,
Teus olhos fitem os meus...

—Andorinhas de viagem
Em demanda d'outros céos!—
D'uma margem á outra margem
Uns pelos outros chamando...
E os meus aos teus vão seguindo...
—Quem sabe lá onde vão?
Bem sabem elles aonde ir!—
Como é lindo! como é lindo!
Vae-se-nos o Céo a abrir...
No porvim!

Coração! meu coração...

(Da Palingenesia) 1894

CARLOS DE LEMOS.

# TERRA DE EXILIO(1)

DE

## Severo Portella

Um livro mystico, ingenua e deliciosamente mystico, este livro, Terra de Exilio, de que a Ave-Azul, por amabilidade do auctor, deu como amostra aos seus leitores, no fasciculo passado, o ultimo capitulo Sob o Silencio... Um livro mystico: nem eu sei de livro d'arte, d'arte verdadeira, que, nesta hora dolorosa da civilisação, por uma forma ou por outra o não seja.

Eu disse—nesta hora... Pudera mesmo dizer que em toda a hora... A Arte, para que o seja, precisa de ajoelhar,
de professar: de ser religiosa. Neste ponto estou eu de accordo com Leão Tolstoi que dá por objecto á arte futura manifestar a mais alta consciencia religiosa das gerações que depois de nós vierem; de accordo ainda com elle, quando conclue o seu livro Qu'est-ce que l'art? por estas palavras que
valem bem todo um compendio de moral superior e de superior esthetica:—La tâche de l'art véritable... est aujourd'hui
de reáliser l'union fraternelle des hommes.

Mas, se em todo o tempo, se em toda a hora, a Alma do artista, para a encarnação do Divino-Verbo, precisou de que sobre ella baixasse a Pomba-Mystica, a dar-lhe o beijo dos celestes desposorios; se em todo o tempo, se em toda a hora, a Alma do artista, para que gemesse um grito que em poema se eternisasse, precisou de que o arripio do Infinito a epileptisasse num extasis; e para que, estatua de Memnon, do seu intimo voassem as supremas harmonias, precisou de que das mysteriosas profundesas a banhasse toda numa chuva d'oiro o Sol glorioso da transcendental Bellesa; e para que a sonhada Galatheia nos braços lhe estremecesse gravida do Desejado, precisou de alar-se ao alto, bem ao alto, a accender

<sup>4)</sup> Luxuosa edição da Antiga Casa Bertrand, hoje do sr. José Bastos — Lisboa : preço 700 reis.

no fogo do Ceo o beijo definitivo; se em todo o tempo, se em toda a hora, isto assim foi: então agora, então nesta hora, como não refugir a Alma de todo o artista, como não refugir a Alma de todo o homem que veio a este mundo, da aridez inexoravel da Terra para a fonte inexaurivel das Estrellas a fim de que sobre ella rorejem os balsamos da Fé; e o Paracleto lhe communique as sanctas inspirações que o Mundo lhe não deixa ouvir, que as vozes estridulas e frivolas do Mundo lhe não deixam sequer adivinhar?!...

Com o sol nado, cantando e rindo, seguiramos triumphalmente, estrada fóra, para o trabalho... E foi todo um dia de faina e de festa a um tempo, a amassarmos com as bagas de suor a terra dura e a bradarmos bem alto, aos quatro ventos, a esperança da colheita redemptora... Mas o sol baixou; sumiu-se; morreu... Fez-se noite: os sinos, a distancia, tocam trindades. E a desgarrada rematou em prece: encostado o alvião a um canto, tiramos o chapeu e murmuramos:—Ave-Maria... E, emquanto resamos, dá-nos o luar na alma e enche-nol'a toda d'uma inefavel melancholia, d'uma ancia, deliciosa e angustiosa, do Alem, que é ainda, entre a saudade do dia de hoje e a esperança do dia de amanhã, a mesma obsessão do Infinito que nos fazia trabalhar ha pouco e agora nos faz resar e nos fará logo sonhar...

Crepusculo, mas não aurora: bradam.

E que é a aurora senão um crepusculo tambem?...

Mas, dado que o crespusculo por que passamos seja do sol que morre e não do sol que nasce, nem só de dia é que se trabalha e nem só o trabalho do dia é que é fecundo: á noite é que a tarefa do dia seguinte se delineia; e por vezes, em sonhos, emquanto o somno lhe restaura as energias, a Alma recebe os Espiritos lá de cima que lhe trazem os bons conselhos... E, quando accorda, entra-lhe o Sol pela janella; e é um novo dia que começa; uma nova marcha a fazer; um sonho, sempre novo e sempre o mesmo, como o sol que nos allumia, a realisar...

Mas, e que não fosse, que culpa temos nós, se atravessamos uma hora má—dado que má ella fosse!—uma hora de

fadiga e de abandono, uma hora de crepusculo e de sonho, uma hora de luar e de fé, uma hora de silencio e de mysticismo?!

Pois é uma hora assim que atravessamos: e porque a atravessamos, todos mais ou menos, instinctivamente e irresistivelmente, sentimos os olhos levados para as estrellas e de mãos postas nos botamos a sonhar com o novo dia que Deus nos mandará amanhã, com o enebriante maná que nos vae cahir do ceo esta noite: e todos nesta hora-hora crepuscular: hora do Angelus: deliciosissima hora!--por uma forma ou por outra, somos mais ou menos mysticos, doentes de mysticismo, se preferem; mas mysticos afinal, e fatalmente, todos, que não só o artista, mas o sabio e o philosopho tambem; e não só o sabio e o artista e o philosopho, mas a sociedade toda e toda a Europa e a humanidade toda.

São os adversarios do Mysticismo que o dizem, que o at-

testam, muito embora protestando.

Aqui tenho eu o Il Mysticismo Moderno de Troilo, d'onde transcrevo estas poucas linhas com que fecha o seu estudo sobre o Misticismo na arte, na philosophia, na sciencia e na vida:

«Uma sociedade pois, que na arte consagra e adora o Sym-«bolo, o decadentismo, a immaterialidade asfixiante de todas «as coisas e de todos os sentimentos—que na philosophia tende «para os mysterios d'um phantastico absoluto e para os su-«premos principios transcendentaes—que na sciencia tem ne-«cessidade de ver o reflexo do sobrenatural—que é arrastada «irresistivelmente para inconscientes idealidades atavicas, que «na vida assume emfim por divisa estas palavras: «Não vale «a pena viver, se não se ultrapassa a vida»—esta sociedade «do presente periodo da evolução humana... esta sociedade «está profundamente doente; doente de misticismo.

Doença de que todos soffrem: e mais do que todos os outros, os artistas: --do mysticismo penso eu agora: E quem nos diz a nós que esta doença não seja saude, ou, quando menos, a crise que precede a cura: e áquelles que nos bradam: -Estaes doentes; ides morrer! se lhes não possa retorquir: -Estamos salvos; vamos viver?...

Que novo dia nos mandará Deus ámanhã? que novo maná nos cahirá do ceo esta noite?

\* \*

Tudo isto e muito mais que tudo isto ia eu pensando á medida que saboreava as paginas do Terra de Exilio, e depois que as acabei de ler e de saborear, e depois que lhe cheguei ao fim, tudo isto e muito mais que tudo isto me fiquei pensando e devaneando e sonhando sob a influencia, não quero decidir se morbida se salutar, d'essa leitura, mas influencia alta e forte por sem duvida, vagamente enebriado pelo aroma de que todas essas paginas se acham impregnadas, não sei se de mancenilha que faz morrer, se de ambrosia que dá a immortalidade, mas aroma de incenso indubitavelmente, que ergue a Alma da terra e nol-a arrebata por uma escada, de sonho até aos pés de Deus!

Abençoada doença, abençoado mysticismo que inspira assim obras d'arte, que em obras d'arte assim se desentranha ! abençoado mysticismo! abençoada doença!

E todavia, sim, é isso; é verdade; devo dizel-o:—tem alguma coisa de doente este mysticismo; a tal ou qual passividade d'este mysticismo de Severo Portella é bem, realmente, uma doença: elle proprio o sabe; elle proprio o confessa; e, sem que d'ella faça gala, em cada pagina se lhe ouve soluçar baixinho e orar como que mentalmente a dor d'essa doença, da sua doença de mysticismo fatalista, do seu mysticismo resignado e doente—e doente porque é resignado e resignado porque é fatalista...

«Porque (e a nossa cruz é esta) com crueldade que de cou-«sa alguma se enternece, sahe dos peitos em que mamamos, «e da terra por onde andamos, a dolorosa sina que nos risca «a Vida pelas ladeiras desertas e erriçadas de abrolhos.

Assim falla, no *Dialogo* inicial, a meio da *Encosta*, a segunda *Figura*—a Alma do auctor...—para a primeira *Figura*—a Alma-gemea, que lhe é guarda e amparo e guia e inspiração...

E imagina a gente um novo e singularissimo Robinson que, atirado pela tormenta a uma ilha deserta, dos destroços do seu Navio faz...—um outro navio, um barco ao menos, ao menos uma jangada, em que de novo se aventure aos mares para seguir na sua derrota em demanda da sonhada India?—não; dos destroços do seu Navio o que elle faz é uma cruz: e depois ajoelha: e ergue as mãos: e immobilisa-se num extasis: e espera pela Morte...

E a oração da sua Agonia, e a agonia do seu resignado morrer, é o que elle nos dá agora nestas desprendidas e doridas e commovidas paginas do seu *Terra de Exilio*: nada mais; e é tudo. Por isso estes sete-capitulos lhe manaram dos intimos seios da Alma, assim arroxeados e assim luarisados, como outras tantas golfadas de sangue, já dessorado, das feridas que ha muito tempo, ha muito tempo, lhe abriram no peito as sete-espadas da Dôr.

D'ahi o não condemnar eu o seu mysticismo; mais claro: a sua maneira de ser mystico; se bem que pondo o Artista muito acima do Evangelista, quando eu quizera este e aquelle ás mesmas eminencias erguidos—a união-hypostatica, como na Aguia de Pathmos, do Christo e de Platão...

Mas isto, que é o que eu quizera, não o poderia, a ser sincero, fazer Severo Portella—o Regressado á casa-paterna em ruinas, de quem elle nos falla na *Parabola*,—cujos braços «tiveram de derruir aquillo que não quizeram outr'ora ajudar a erguer».

Mas, se lh'o não condemno, porque é uma questão de idiosincrasia, tambem lh'o não preconiso, porque, se é assaz, bom para bem morrer, é demasiado bom—ou assaz mau—para bem viver.

Seja-se mystico, sim; pois, porque não? e como não?—se a regressão idealista se nos impõe; e é toda uma corrente d'espiritualismo que nos leva a todos, mares em fóra: magnetismo, electro-biologia, bolito-dynamia; sympathia, telepathia, auto-sugestão; espiritismo, budhismo, occultismo; magia! Seja-se mystico, sim; e sejam-no sobretudo os artistas, pois que a Arte é o grito da Alma atormentada do Infinito: sejam-no os

artistas, sim: mas reagindo sobre o Meio, como o Meio sobre elles reage; mas convertendo a agua em vinho, como o Christo nas Bodas de Caná; mas adoçando as aguas do deserto, como o lenho de Moysés; mas como Moysés, encaminhando os outros homens para um Ideal que possa vir a ser realidade, para o Ideal que tem de ser realisado, para o Ideal que, na phrase d'um poeta, é «essa visão d'um mundo d'harmonia e de belleza, consolação da humanidade vivente, fim da humanidade futura, que os poetas realisam nas suas obras, esperando que os homens o realisem na acção»!

Mysticos assim-allucinados do Sonho, mas tocados da Graça-mysticos assim,-commandados pelas Vozes, mas, por seu turno, Vozes de commando elles proprios-mysticos assim quizera eu os artistas todos, que, assim ou não assim, mysticos mais ou menos o são elles todos já: uma trindade ao alto - Tolstoi, Ibsen e Nietchez - e a seguir, e num côro dolorido e numa longa procissão de penitencia -Verlaine e o Sagesse, Metterlinch e o Trésor des Humbles, e Huissman, professando depois de publicada a Cathédrale, e Maurice e Barrès e Mallarmé e, recentemente, Georges Polticom o drama Les cuirs de boeuf e Emile Verhaeren com o seu drama Le Cloître e Victor E. Michelet com o seu volume de Contes surhumains e Paul-Adam com o seu romance Basile et Sophia e.. e todos, todos elles mysticos e bem mysticos, caminhando para a Realidade do seu Sonho, é certo, mas todos elles é tambem certo que torturados do presentimento de que só a verão de longe e exangues, como o Moribundo do monte Nebo. . .

«Je sais que viendra l'heure où j'étreindrai mon rêve, «Mais avec des bras morts, peut-être, ou si lassés!

E este supremo grito, que o poeta do Occultismo, Victor Emile Michelet, rythmou em dois versos no seu poema La détresse d'Hercule, é o grito de todos os artistas da França e, ai de mim! o grito de todos os artistas da Europa, desde o Quando nós outros, mortos, resuscitarmos de Ibsen até ao Meia-Noite de D. João da Camara, desde o Resurreição de

Tolstoi, pautado pela esthetica do A arte o que é? atéao Terra de Exilio onde Severo Portella pelo A arte o que é? de Tolstoi instinctivamente mas notavelmente se orientou.

Porque se cumpriram as palavras d'uma mulher—e de sobejo e num ambito ainda mais largo do que o talhado para as suas palavras por essa mulher. Madame Adam escreveu ou disse:—«La France est assez matérialisée; il faut qu'elle retrouve ses voies idéalistes et supérieures».

E cumpriram-se, como disse, as palavras de Madame-Adam:—para a França e, não só para a França, para a Europa, para o Mundo: porque nem só a França é que se tornou idealista: a Aurora-polar que sobre ella se accendera d'ella irradiou para todo o mundo que, como ella e após ella, se tornou idealista tambem.

Porquê?

Porque... «a synthese da philosophia positiva, de apressada que quiz andar, mais teve em conta o que aproveita ao
«homem para viver do que o que importava ás almas para as
«inspirar... De aqui provem que, fallecida a esperança de
«bom exito pela obra dos homens, as criaturas olham a cren«ça como caminho seguro. Tolstoi, por exemplo, escolhe o
«Novo Testamento para sua theoria e e nbora aqui esteja, pe«lo seu caracter exclusivo, um exagero sem duvida, não devo
«deixar de annotar que a tendencia da Arte nova se vasa, sob
«aspecto de persistencia, numa forma limpida de um neo«christianismo redemptor.

\* \*

Quem assim responde é o proprio auctor do Terra de Exilio, é o proprio Severo Portella num excellente artigo—que, sendo de critica elogiosa, e justamente elogiosa, ao bello drama de D. João da Camara, Meia-noite, bem pudera servir de prefacio justificativo, e cabalmente justificativo, ao Terra de Exilio—artigo recentemente publicado na Tarde onde elle de ha muito vem fazendo uma generosa e desassombrada propaganda de arte idealista com os seus notaveis artigos: Anthero de

Quental, em resposta ao sr. dr. J. de Magalhães Lima; e D. João da Camara, em cujas ideias orientou o sr. Abel Bothelho a conferencia que sobre o Theatro fez ha tempos na sala grande da Associação dos Jornalistas; e A these e a technica, e outros ainda que ao tempo me impressionaram, mas de que ora me não lembro, nem, que me lembrasse, pois me falta tempo e espaço para sobre o Terra de Exilio tanto me alongar quanto devia e desejava, para a elles me referir se me offerecia agora opportunidade.

Já, porque me deixei levar pela suggestão do assumpto a divagações que, embora ao assumpto se prendessem, do assumpto me afastaram, não disse eu do *Terra de Exilio* por quê e quanto, como livro d'arte, o acho bom, nem porquê e em quê, como livro de moral, o acho perigoso: mas não tem duvida:—eu disse algures que este livro de Severo Portella precisava não só de ser applaudido mas, e sobretudo, de ser

discutido...

Applaudi-o:-outros que o discutam; e discutil-o-ão.

CARLOS DE LEMOS



## Almeida Garrett

-380

Se houve um homem, neste seculo, cuja obra exerça hoje, e esteja destinada a exercer por muito tempo ainda, uma salutarissima influencia nas nossas lettras, esse homem foi por sem duvida Almeida Garrett.

De quando em vez como que todas as fontes vivas da alma d'uma nação convergem numa direcção unica e assim chegam a formar um grande rio magestoso e fecundante, espraiando o cristal das suas aguas e o oiro das suas areias sobre a relva dos prados e sob a sombra dos arvoredos: para nós foi d'esta vez Almeida Garrett esse rio sagrado, esse sagrado e abençoado Nilo. Diamante de multiplas facetas, qual d'ellas mais claro reflectindo a idiosincrasia sentimental d'um povo de poetas e de namorados, como é o nosso, como é o povo portuguez,— o seu talento, erguido ás culminancias do genio em qualquer das suas variadissimas manifestações, foi, é innegavel, uma concentração, uma exaggeração portanto, de todas as potencias do genio da nossa raça, de todas as faculdades da alma do nosso povo.

Ponto de chegada: e pois, ponto de partida.

Como os Arabes contam o tempo da fugida de Mahomet, tambem nós o poderiamos contar do exilio de Garrett. .

Se aquella operou nelles toda uma revolução moral e social, este em nós operou tambem toda uma revolução litteraria; quer dizer: uma revolução social e moral, consequentemente.

E essa revolução litteraria estendeu-se a todos os generos: foi na poesia, foi no romance, foi no drama, foi na oratoria, foi em tudo. Não ha exagero: não pode sequer havel-o.

O auctor do Camões, do D. Branca e das Folhas Cahidas é tambem o auctor do Arco de Sant'Anna e das Viagens na minha terra, do Auto de Gi! Vicente, do Alfageme de Santarem e do Frei Luiz de Sousa...

E não contente com ter levado a cabo uma revolução na poesia e um renascimento no theatro e de ter feito d'este, como d'aquella, columna de fogo para guiar e vara de ferro em braza para estygmatisar; — a sua voz faz-se ouvir no parlamento: e a Eloquencia encontra nelle um grito novo, grito que quasi sempre, como o de Prometheu, se subordina ás leis da Harmonia e, o que é mais, aos dictames da Justiça: e, comprehendendo bem que não basta cantar, que é preciso, antes de tudo, educar o ouvido e a intelligencia do auditorio para que devidamente aprecie a sublimidade do canto, eil-o de mãos á obra na ardua e quasi impossível empresa de despertar a curiosidade do nosso povo para as coisas d'arte e lhe inocular os conhecimentos que de todo esquecera ou deixara de adquirir, adormecido como estava na regalada inconsciencia d'uma ociosidade fradesca ou birbantona.

Era preciso ensinar: ensinou.

Era preciso educar: educou.

Fez tudo: foi tudo.

A Allemanha teve Goethe; a França teve Hugo: - nós tivemol-o a elle.

Os outros — fallo de Herculano e de Castilho – foram grandes no seu genero: elle foi o maior em todos os generos.

E depois, Herculano foi um desertor; Castilho foi um transfuga: elle só, em toda a sua vida, foi sempre o mesmo: um crente; um conquistador portanto.

Dux et magister.

De oriente a occidente, sempre, como o sol, irradiando a mesma luz...

E até, para que nada faltasse a tornar a imagem appropriadissima, quantas pedras, depois do seu occaso, arremessadas pelas mãos de muitos que elle aqueceu e illuminou e aviventou na sua passagem pelas alturas!...

Por isso a par de Goethe e de Hugo só a elle temos, disse. Mas não ha de que nos envergonharmos: para que Garrett fosse uma gloria, mais que portugueza—europea—faltoulhe apenas um requisito: ter nascido na França...

E' verdade; mas não é menos verdade que, se tivesse

49

nascido na França, não teria sido o que foi, não teria sido elle.

E' que a sua grande alma, synthese felicissima e poderosissima da alma do nosso povo, só do nosso povo é que elle pudera herdal-a, assim de Poeta, assim de Namorado, assim de Portuguez.

E pois, de justiça é accentuar que, se muito temos a orgulhar-nos por ser nosso, muito por ser nosso teve elle a lucrar—e lucrou: porque toda a sua obra, como toda a sua alma, do povo lhe veio, do nosso povo, cujo até então ignorado e ainda hoje mal explorado minerio de deliciosas lendas, de poesia nativa e deliciosissima, elle foi o primeiro a adivinhar, a esquadrinhar e a aproveitar.

Em todos os sentidos pois, um Iniciador.

\* \*

Ora, quando um povo assim encontra compendiado, acrisolado, enaltecido num filho seu o quid de divino que todo o povo, como todo o homem, traz a dentro de si, a dentro do seu peito, a dentro da sua alma: quando um povo assim encontra synthetisado, concretisado, personificado num homem o seu genio, aquillo que o constituiu nação e o tornou amado e respeitado no convivio das mais nações:—o amor e a fé: quer dizer: o coração; melhor ainda: a Poesia:—quando isto se dá; sempre que isto se deu: ouvem se da bocca d'esse povo cahir sobre a cabeça d'esse homem, como outr'ora da boca do Eterno sobre a cabeça do Christo transfigurado, as palavras da consagração fatidica, suprema, definitiva, que lhe accende em roda um halo de divindade aos olhos da Posteridade:—Este é o meu filho predilecto em quem puz todas as minhas complacencias.

E esse homem torna-se desde então divino.

Divino chamaram a Garrett. E foi-o, porque foi mais do que um homem: porque foi dentro do corpo d'um homem a alma de todo um povo.

Foi-o: chamaram-lh'o: os povos são de ordinario mais

promptos em fazer justiça aos seus benemeritos, do que os governos: é natural: a estes tolhem-lhes a iniciativa e coarctam-lhes a imparcialidade as exigencias da politica, as paixões partidarias, as conveniencias da diplomacia e todas as mil miserias da nossa natureza e da nossa sociedade que fazem pendurar cruzes do peito de muitos que das cruzes deviam ser pendurados e erguer estatuas a quem de justiça fôra que se lhes erguessem pelourinhos...

Deixal-o! pelo que respeita a Garrett, a verdade é esta:
—tem já a canonisação nacional e ainda, depois do seu centenario, em certo modo a canonisação europeia...

O que resta a fazer?

Sanccional-a.

Ao Estado pertence.

E, pois que as estatuas, como nos maus tempos da Grecia em que só a Demetrio Falerio ergueram cem, estão por tal modo desvirtuadas e desacreditadas, que vergonha, que não honra, é ver-se um homem por tal modo perpetuado aos olhos da posteridade, ergam-se á memoria dos verdadeiros benemeritos não estatuas, mas templos, onde a gente vá meditar no que elles foram e no que elles fizeram e receber assim dos seus nobilissimos espiritos salutares influições que nos ajudem a imital-os.

Ergam-se templos a todos elles (não serão elles tantos, os benemeritos, os verdadeiros benemeritos...): ou, se o preferem — e não sem motivo, a elles todos se lhes erga um templo e levem para lá as suas cinzas, a fim de que a nossa piedade, a nossa devoção e o nosso reconhecimento mais se nos afervorem á vista do nada que nos resta de quem tanto foi e tanto nos legou: e seja esse templo o Pantheon Nacional onde concorram todos os dias, um dia ao menos em cada anno, ao menos uma vez na vida, todos quantos, nesta derrocada de crenças, guardam ainda no amago da sua alma a abençoada Religião da Familia, a Religião da Patria portanto, e, com ella ou por amor d'ella, praticam o sagrado culto dos Mortos, dos mortos que foram bons, sobretudo, d'aquelles que a Posteridade, precedendo o Juiso-final, tiver chamado para a sua

direita, a fim de entrarem no goso da bemaventurança, quer dizer, da merecida gloria.

Foi o que fez Portugal com Luiz de Camões, passados tres seculos depois de elle ter morrido: é o que Portugal deve fazer com Almeida Garrett, um seculo depois de elle ter nascido.

Sobre isto não pode haver duas opiniões: desde que temos um Pantheon—os Jeronymos—, é para nelle entrarem quantos, por uma forma ou por outra, tenham trabalhado, tenham vivido para a maior gloria da nossa patria...

E ao lado do Cantor das nossas glorias, ao lado de Camões, quem mais digno, do que Garrett, do que o seu mesmissimo Cantor, de dormir na luz perpetua da Immortalidade, cercado das bençãos de todos nós que, neste, como naquelle, em Garrett, como em Camões, vemos, sagrada pelo genio, a alma da terra que lhes foi berço e que é berço de todos nós ?...

Eu disse-ao lado de Camões...

As cinzas de Camões, porque se deixaram passar sobre ellas tres seculos, quem sabe lá onde ellas param?!...

E havemos nós, mais uma vez, de esperar que se não saiba já quaes as cinzas de Garrett, para então se fazer para os Jeronymos a trasladação de cinzas apocriphas, como as que lá receberam a consagração que ás de Camões só demasiado tarde nos lembramos de que era de justica fazer-lhes?

Não; não será assim; é do nosso brio, é do nosso dever, que assim não seja.

O seculo 19 que viu morrer Garrett, o seculo 19 que elle, neste cantinho do Occidente, cobriu de gloria, esse mesmo, que não outro, lhe fará justiça, glorificando-lhe as cinzas.

Oh! eu sei,—e agora me lembra que já alguem, a proposito de Garrett, o disse—eu sei que cinzas nada valem: que dos grandes homens o que vale são as obras; eu sei isso. Mas faculte-se ao povo a occasião de lhe ajoelhar sobre as cinzas e o povo retirará assim, depois, devidamente preparado para lhe ler e estudar as obras.

A vulgarisação das obras de Garrett: muito bem: mas, porque não, com a vulgarisação das suas obras, a glorificação das suas cinzas tambem?!

E que outra glorificação a não ser a sua trasladação para os Jeronymos?...

\* \*

Ha um anno, quando foi do Centenario de Garrett, teve a Ane-Azul, logo no seu 2.º fasciculo, a satisfação de chamar sobre a memoria do divino poeta as attenções e sympathias dos seus leitores, d'aquelles dos seus leitores, que, por muito preoccupados, forçosa e forçadamente preocupados, nas mil e uma necessidades da sua vida individual, mal tempo teem, e ainda menos disposição, para attentarem, como bom fôra que attentassem, nas muito mais numerosas e muito mais exigentes necessidades da nossa vida nacional.

Somos um povo de gloriosas tradições que á sombra das suas gloriosas tradições se deixou adormecer...

Demasiado se nos prolongou o somno: preciso é que despertemos, se não queremos ficar a dormir para todo o sempre.

Quaes os meios?

Ha muitos, felizmente; mas um d'elles, e o mais facil e o mais grato, é pôrmos bem em plena luz, em plenissima gloria, em laus-perenne deslumbrantissimo, a memoria dos nossos grandes homens, dos nossos grandes homens que foram grandes a valer, isto é, que foram bons, porque a bondade é apanagio da verdadeira grandeza.

Foi o que a Ave-Azul fez, ou pelo menos, pretendeu fazer, no seu 1.º fasciculo, a João de Deus; no immediato, a Almeida Garrett.

Dois benemeritos: dois modelos, pelo coração e pelo espirito, pelo caracter e pelo genio, pela vida e pelas obras.

Sob os prestigiosos auspicios d'um e d'outro, iniciou a Anz- 4zul a sua carreira: d'ahi, por sem duvida, o ter-lhe el-la corrido tão, contra o que fôra d'esperar, contra o que esperavamos, facil e deleitosa, cercada de applausos e de sympathias.

Um anno decorreu.

Ao começar o seu segundo estadio, a Avz-Azul, cumprindo assim, mais que um dever de justiça, um dever de gratidão, une enthusiasticamente a sua voz á dos seus camaradas da Imprensa, que de ha tempos a esta parte veem reclamando dos altos poderes do Estado que se faça a trasladação das cinzas de Garrett para os Jeronymos, antes que finde o seculo 19, a fim de não deixarmos, ao seculo futuro, para nossa vergonha, a satisfação d'essa divida—que é uma divida d'honra.

Glorificando a memoria de Garrett, o Governo, qualquer que elle seja, a si proprio se cobrirá de gloria: e por ventura assim se absolverá aos olhos da posteridade de muitas das suas culpas—que não serão ellas tão poucas!

Pois uma das suas grandes culpas, das grandes culpas de todos os governos, é terem barateado a indignos honras que só para os que bem as merecem se crearam:—que, ao menos uma vez em cada seculo, se faça d'ellas o devido uso, com ellas premiando serviços á Patria e não serviços d'outra natureza, que só aquelles é que merecem honras por premio; e não serão só os governos a por tal forma se honrarem: as proprias honras, que tão deshonradas andam, essas mesmas, por conferidas a quem d'ellas digno, ficarão honradas.

Carlos de Lemos



## **A** paz e a Guerra

-

Assim se intitula a primeira das conferencias propagadoras da pacificação universal, que, por iniciativa da Liga Portugueza da Paz, vão ser realisadas na capital. Iniciou-as, sobre aquelle thema, o illustre orador e homem de lettras sr. Magalhães Lima, em Portugal e em toda a Europa sobejamente conhecido e admirado pela valentia e pertinacia com que votou o seu altissimo talento á propaganda das ideias humanitarias.

Realisada na Sociedade de Geographia na noite de 13 do corrente, pelos jornaes soubemos do extraordinario enthusiasmo com que foi applaudido o notavel conferente pelo numeroso e brilhante auditorio que concorrera a ouvil-o, composto do que em Lisboa ha de mais distincto nas lettras e na politica.

Acabamos de lel-a agora, publicada em elegante plaquette, com o retrato do auctor, pela benemerita Empreza da Historia de Portugal: acabamos de lel-a; e não achamos de mais todos os applausos; pelo contrario: por muito que a applaudissem, e applaudiram, parece-nos poder affirmar que não foi, que não podia ser tanto quanto merecia.

Outros discursos e obras do sr. Magalhães Lima temos lido e admirado que, com serem elegantes e persuasivos aquelles, estas muito documentadas e bem dedusidas, nos não produsiram tamanha impressão. Porquê? talvez porque nesta conferencia se nos apresentam condensadas as poderosissimas faculdades do glorioso tribuno, mais empolgantes ainda por virem despojadas das seductoras mas por vezes tambem contraproducentes pompas da linguagem: contraproducentes, quando mais não fosse, por nos fazerem desconfiar da justiça da causa em cuja defesa empregadas fossem.

Aqui não: aqui não ha rhetorica; quasi que não ha estylo. E' toda uma desataviada palestra, sobre uma questão importantissima, aqui ou acolá, reforçadas as altas reflexões moraes e politicas pelos dados estatisticos—pela dominadora eloquencia dos numeros.

D'ahi, para nós, a sua maior efficacia e tambem o seu maior elogio.

Mas, para que os nossos leitores possam fazer ideia da importancia d'este trabalho, aqui lhe damos nota dos pontos nelle tractados, que são, após um ligeiro preambulo, os seguintes:

Será a paz uma utopia?

O que é a guerra?

O militarismo profissional.

As causas da guerra.

(Desde Constantino até nossos dias, 286 guerras que podem ser repartidas por quatro grupos: religiosas, commerciaes, políticas e civis:)

As consequencias da guerra.

(Charles Richet avalia as perdas das guerras d'este seculo em 15 milhões de homens...)

Os partidarios da guerra

(Em 30 annos o militarismo representou um augmento na despesa publica, de 137 p. c. para a Alemanha; de 92 p. c. para a Italia; de 85 p. c. para a Austria, de 79 p. c. para a Rucia; 62 p. c. para a França; e de 37 p. c. para a Inglaterra.)

E' possivel abolir a guerra?-por que meios?

(Tres meios:—a arbitragem, o desarmamento e a federação.)

Arbitragem.

A Federação.

O desarmamento: a suppressão dos exercitos permanentes: a recusa ao serviço militar.

Sociedades de paz.

E' d'esta ultima parte, com que fecha a conferencia, que, agradecendo ao sr. Magalhães Lima o exemplar que se dignou enviar á Directora d'esta revista, pedimos venia para

transcrever essas poucas linhas, chamando para ellas a attenção dos nossos leitores e sobretudo dos nossos assignantes de Vizeu, aos quaes rogamos o obsequio de nos devolverem, devidamente prehenchido, no caso de adhesão, o prospecto que juntamente com o programma e o protesto da Liga Portugueza da Paz, lhes foi remettido incluso no ultimo fasciculo da Ave-Azul.

«Não basta só declamar contra a guerra:—é mister amaldiçoal-a, deshonral-a, na phrase de Victor Hugo, em nome do direito e da justiça. Abaixo as armas, o mesmo é que dizer abaixo as fronteiras, guerra á guerra, morte á morte.

As sociedades da paz vão augmentando de dia para dia. A sua propaganda revela uma perseverança e uma abnegação dignas das melhores causas. Na Allemanha contam-se actualmente 4 sociedades e 69 grupos, á frente dos quaes se encontra o dr. Adolfo Richter; na Austria o, graças á iniciativa da eloquente evangelista, a baroneza de Suttner, a festejadissima authora de um livro celebre Die Waffen Nieder (Abaixo as armas) que tem sido devorado com sofreguidão por todas as almas sequiosas de justica; na Belgica 1, e aqui assignalam-se o senador socialista Henri La Fontaine e o antigo ministro, o sr. Lejeune; na Dinamarca i e 93 grupos, que se devem á tenacidade e á dedicação de Frederico Bajer; na França 16, servidas por apostolos da estatura de Frederico Passy, Charles Richet, Gaston Moch, Edmond Thiaudière, Trarieux, Emile Arnaud, Potonić Pierre, e a princeza Wiszniewska que conseguiu arregimentar mais de um milhão de mulheres, sob a bandeira gloriosa do desarmamento internacional, etc.; na Grã-Bretanha 12, tendo, como campeões, Hodgson Pratt e ultimamente o sr. Stead, o indefesso trabalhador, cuja propaganda se estendeu ao novo mundo; na Hungria 2; na Italia 13, devendo mencionar-se Theodoro Moneta, o antigo director do Secolo, de Milão, a quem se deve em parte este brilhante resultado; nos Paizes Baixos i sociedade e 8 grupos; na Russia 1, tendo como representante Novicow; na Suecia 1 e 78 grupos, cuja presidencia pertence de direito ao deputado Eduardo Wavrinsky; na Suissa 4 e 23 grupos; na Suissa 4 e 23 grupos; na America 14.

Estas sociedades teem um corpo director — O Bureau internacional da paz, com séde em Berne, a que me honro de pertencer, composto de representantes de todos os paizes, de que é secretario o infatigavel propagandista Elie Ducommun. Parallelamente a esta instituição ha o Bureau inter-parlamentar, que dirige as conferencias inter-parlamentares, compostas de delegados de todos os parlamentos. Os congressos da paz, promovidos pelo Bureau internacional, realisam-se ordinariamente nas mesmas cidades e na mesma occasião em que se effectuam as conferencias inter-parlamentares, cuja importancia está por si mesmo indicada.

Em Portugal existem organisados dois grupos: A commissão geral de paz e arbitragem, que funcciona na Sociedade de Geographia, e a Liga portugueza da paz que foi inaugurada em 18 de Maio de 1899 para celebrar a abertura da conferencia de Haya. Deve-se esta prospera e sympathica aggremiação á benemerita iniciativa da sr.ª D. Alice Pestana, que, sob o pseudonymo de Caiel, tem enriquecido as letras portuguezas com joias de subido valor e que bem merece as bençãos e os agradecimentos de todos os portuguezes, pelo seu louvavel empenho de querer provar ao estrangeiro que Portugal não é um paiz morto para os sagrados ideaes de renovação moral e intellectual que hoje agitam as sociedades modernas.

O que pretende a Liga?—Crear uma atmosphera de respeito reciproco entre os homens, baseado nos principios da liberdade e da justiça como o meio mais efficaz para assegurar a paz no mundo. A missão da Liga, de que fazem parte alguns dos mais nobres espiritos da nossa terra, é, pois, uma missão essencialmente educadora, e o seu principal objectivo é formar a opinião e preparar o espirito publico para o advento de uma nova era de paz, de amor, de justiça, de concordia e de irmandade humana, que se desenha vagamente no horisonte, atravez as duvidas e as incertezas que trazem em sobresalto a sociedade.

Se isto conseguir, terá a Liga prestado ao paiz o maior e o mais relevante serviço pela affirmação da consciencia portugueza perante o mundo. E para levar a bom termo o seu patriotico e humanitario empenho conta com a cooperação de todos os corações generosos e com o concurso de todas as vontades e de todos os espiritos rectos e bem formados.»



### FLORES EXOTICAS

Com a nova serie da Ave-Azul, nella abrimos esta nova secção destinada a recolher e archivar versões portuguezas de poesias estrangeiras.

A isto nos obriga a gratidão que nos merecem illustres homens de lettras extrangeiros, sobretudo francezes e italianos, que se teem dignado traduzir para a sua lingua muitas das composições, em prosa e em verso, publicadas nesta revista pelos seus directores e illustres collaboradores.

Abrimol-a com as tres versões que seguem, feitas sobre o original pelo distincto poeta e nosso amigo José Agostinho d'Oliveira, que assim corresponde as numerosas sympathias e calorosos applausos que no extrangeiro como no nosso paiz lhe grangearam os tres poemetos insertos na  $Ave-A_7ul$ .

Ao nosso amigo agradecemos ter-nos proporcionado ensejo de tambem, pela nossa parte, manifestarmos mais uma vez aos tres illustres poetas a subida consideração em que os temos e a muita estima que nos orgulhamos de consagrar-lhes.

## Soneto d'Outomno

(Versão do Sonnet d'automne de Mr. Phileas Lebesgue, publicado na Salla de visitas do n.º 11 da Ave-Azul)



Fim de tarde d'outomno em que a Lua se inclina Egual na côr, da amada ao seio, quando dorme: Pões-me em frente da Morte, a solidão enorme, Inclinando-me a alma—esta urna peregrina.

Banham-me prantos mil... talvez a dor ferina Do Remorso, ou da Febre após o Desconforme... Os meus sonhos d'Amor são um montão disforme; Mais triste que o Remorso o Coração se inclina. Tempo, que vôa e foge, Hora, fugaz momento, O' Flor desfeita, ó Carne encarquilhada e fria, Merece tanto amor o que nos leva o Vento?

Quem sabe a Lei fatal que tudo arrasta e guia? Ou os abysmos crueis do nosso Pensamento? Mas p'ra que serve a Dôr? Ah! se o soubesse um dia!...

### **Os Pinheiros**

(Versão da poesia Les Pins de Mr. Marc Legrand)

Murmuram os pinheiros cantos varios Aos ventos que os abalam tumultuarios, Aos ventos que lhes sopram do alto Mar; E dizem os Pinheiros, na alta serra, Que já não querem vegetar na terra... Ah! que querem fugir, subir ao ar:

P'ra serem mastros d'essas naus errantes, Irmans das brizas vás e soluçantes; Para verem cavar aos pés subtis Sulcos nas grandes vagas procellosas, E não verem o chão das pobres rosas Rasgados por mesquinhos ferros vis!

Elles querem—quem sabe?— a tempestade, Cuja ameaça repetem com saudade. . . Querem da vaga o horror, da vaga o açoite. . . Querem seu corpo em terra, em pó no chão, Lascado pela espada do Tufão, Entregue á Morte, ao dar a meia-noite. . .

Pinheiros, a minha alma é irmã da vossa! Adora o vento que á amplidão destroça, E odeia o solo d'este féro Mundo!

O seu sonho adorado, em festa aberta, E' ver-se d'este corpo bem liberta; E' conhecer do Nada o Mar profundo.

## O Beijo

(Versão do soneto Il bacio è sulla terra..., inserto a pag. 393 do Uragani do sr. Thomazo Cannizzaro)

> Um beijo é a ultima barca deliciosa, Onde juntas, as Almas namoradas Que ha muito se desejam, enlaçadas Fundem, num louco ardor, a febre anciosa.

Duplo remo no mar do Amor, radiosa Embarcação p'ra as praias anheladas, Como uma vara azul de boas fadas, Muda em céo a região mais tenebrosa.

Um beijo, é uma finissima scentelha Que incendeia dois peitos sonhadores; A um tufão na alma o beijo se assemelha:

Um beijo só, desfaz milhões de dôres; A pouco e pouco, a Paz dôce aconselha Ao que é batido d'odios e d'amores.



## G. Gramegna, o Sincerismo e A. Cantone

-38c-

O nome do illustre escriptor napolitano, Giuseppe Gramegna, é já conhecido dos nossos leitores, quando mais não fosse, pela larga exposição, que nas paginas d'esta revista fizemos em tempos, do seu trabalho-dramatico *Carmencita* que M. Georges de Champdoré acaba de traduzir para francez.

Muitas das reflexões que essa bella e extranha obra d'arte me suggeriu vejo-as eu agora confirmadas e auctorisadas pelo illustre director da excellente revista d'arte Confessioni e battaglie de Palermo, o sr. Domenico Oliveri, no volumesinho de sensata e elogiosa critica que lhe consagrou, sob o titulo de L'Idiale estetico e dramatico di Carmencita di Guiseppe Gramegna, a que mais largamente me referirei, pois lhe devo a fineza da offerta d'um exemplar, no Registo Bibliographico d'este fasciculo da Are-Azul.

Dada a rara emoção esthetica que em mim produsio a Carmencita e o subido conceito em que ao seu auctor fiquei tendo, naturalissimo em mim era o desejo de melhor e mais intimamente o vir a conhecer pela sua vida, pela sua idiosincrasia, pelas suas obras anteriores, pelas suas ideias d'arte que no Autopostumus da Carmencita, se bem que vagamente, eu já vislumbrara animadas d'um sopro d'originalidade na photosphera luminosa do rubro enthusiasmo d'um poeta de vint'annos, e ainda, pois, porque não? das suas obras sonhadas, das suas obras futuras, das obras que elle devia ter em preparo, d'algumas das quaes vira já nota, entre ellas Psychologie de l'invisible que, para logo, pelo titulo apenas, me prendeu as attenções.

Foi-me satisfeita a curiosidade, se não é, classificando-o de curiosidade, calumniar o irreprimivel impulso de intellectual sympathia que deixei vagamente expresso no soneto ao sr. G. Gramegna dedicado e recentemente publicado na Ave-Azul.

Aqui tenho eu o seu retrato de moço de vinte annos, realmente, se bem que neste derradeiro anno do seculo complete elle a sua oitava olympiada.

De Napoles, como Stacio, com Sannazaro, como Salvator Rosa e toda uma pleiade de illustres musicos, G. Gramegna é um sonhador de quimeras que no cerebro lhe ardem em labaredas como os fogos do seu Vesuvio, cuja somnolenta actividade o caracterisa. Enclausura lo na sua Tebaida, depois d'uma desvairada odyssêa pelo largo mar do mundo—como um frade leigo do Pensamento (a phrase é d'elle)—ahi vae vivendo e sonhando e por assim dizer incubando o seu radioso ideal num isolamento anagogico. D'ahi o seu egotismo, o que elle chama a egoarchia, que, para ser absoluto, até do delicioso jugo da mulher §4 quer isempto.

Em conclusão: um intellectual, em toda a linha; um benedictino, devorado pela ancia de saber, de se aperfeiçoar, de se espiritualisar, de voar para o sol—ad solem, como é sua divisa, centro de toda a irradiação.

E fallarei já agora das suas obras.

Uma comedia foi a sua estreia nas lettras.

Seguidamente, o Nudo, um volume de monologos e de scenas contrarias ás regras da recitação em rhetorica, que provocou ruidosa celeuma na imprensa italiana e franceza— «un gigot lardé de salacités hilariantes, nageant dans une sauce pimentée d'aphrodisiaques libertanismes»—como elle proprio o define na carta que acompanhava o exemplar que me offereceu. Um pouco do bello riso gaulez de Rabelais subtilisado pela galanteria pervertida de Catulle; mais do que isso: abracadabrado ainda pela histeria macabra do marquez de Sade:—a primeira parte d'um Decameron fim-de-seculo, que, felizmente para nós, porque assim nos dará coisa muito melhor e muito differente, o sr. G. Gramegna não completará nunca, a sua alma, como a imperial meretriz de que nos falla o poeta, tendo regressado, da sua corrida á doida pelos bairros de Suburra, lassata sel non satiata...

Foi esse o fructo de seductora apparencia e amago pulve-

rulento que a sua passagem pelo lago Asphaltite da vida mundana lhe arrancou do cerebro para o sol da publici-

Depois é que elle se fez frade da Trappa, deitando-se a profundar os segredos da psychologia, da philosophia e da physiologia, d'esses estudos resultando converter-se Pangloss em Obermann, um amargo rictus de pessimismo franzindo-lhe agora os labios onde em outros tempos floria o descuidado sorriso do humour ligeiro.

Em taes disposições, quem melhor do que elle para estudar, para analysar, para desfibrar a tragica psychologia de Leopardi, esse altissimo Poeta da Dor e da Morte, que é hoje, indiscutivelmente, o Mestre consagrado e glorioso e triumphante da litteratura italiana?

Talvez ninguem.

Assim é que o seu estudo, Le Poète de la Mort, expressão graphica dos estados d'alma do seu auctor, para mim o tenho como o que de melhor hei lido ultimamente sobre esse doente de genio que foi Giacomo Leopardi. Brotou-lhe das veias, brotou-lhe dos nervos, brotou-lhe do peito, do coração, da alma, da sua alma, como a do sublime Poeta de Recanate, atormentada pela mesma ancia de infinito, no absoluto do seu isolamento a si propria se dilacerando e escalpellando.

E, porque assim lhe sahiu espontaneo e irreprimivel, outro estudo ainda sobre i copardi appareceu d'elle num numero especial do Journal de Mons illustrado, seguido da traducção de dois dialogos philosophicos Atlas e Hercules e Copernico e ainda d'aquella deliciosa poesia Sabbado na aldeia que é como uma bella flôr de saudade desabrochando numa atmosphera de sonho onde vibram musicas que fazem chorar...

Tal a sua devoção por Leopardi, cujo segundo estudo fecha com estas linhas que são o segredo da sua inspiração:

«Tout sceptique qui par le chemin fleuri de sa triste jeu-«nesse se déchira aux épines sans jamais en cueillir les roses, «tout coeur qui aima et rebuté rudement, se renferma désolé «en lui même, toute âme conspuée dans ses hautes aspirations,

Aze-Azul-5 65

«tout esprit que le destin implacable choisit pour souffre dou-«leur des impiétés d'autrui, doit aimer le fier poète de la «Mort.

Por ultimo, a Carmencita e o seu Autopostumus, onde, sob uma forma lyrica e nova, vinham, já fortemente accentuados, os lineamentos da theoria d'arte do auctor— o Sincerismo— em cuja auriflamma rebrilha em lettras de sol a bella divisa:— In nomine Animae quae in nostra est anima et universa...

Mais outra eschola ainda ? !...

E' verdade: mais outra eschola ainda; uma eschola que se propõe — «o triumpho da alma em todas as suas explicações, synthetisando a phenomenalidade do espirito humano e anciando por viver na templaridade da Ideia e da universal Psychica, simultaneamente visando á efficiencia rythmica da alma primitiva, a Alma essencia, o astro irrevelado ainda, o Deus abscondito sob as dalmaticas dos ceos gemmados d'infinitos mundos — diamante d'estrellas — aérolithando em roda da Alma suprema.»

São d'um largo e curiosissimo artigo publicado no Journal de Mons pelo sr. G. Gramegna sob o titulo La vie de l'âme, as palavras com que do Sincerismo dei ou procurei dar aos meus leitores uma ideia tanto quanto possivel approximada.

Ha em certo conto de Catulle um mancebo que se fica a vida inteira d'olhos pregados no cofre fechado onde, por mercê d'uma boa fada, está guardada a satisfação plena de todos os seus desejos.

E o poeta—devia ser poeta esse mancebo que era um principe... como Hamlet—e o poeta não abre o cofre: não procura ver: não quer possuir: sonhar o que está lá dentro lhe basta...

A nossa alma, a alma do homem, a Alma, tem sido, em parte ao menos, para a maioria dos artistas como o cofrefechado d'aquelle Principe que era poeta...

As absconditas riquezas da alma, para que exploral-as? para que voar atraz de novas quimeras? para quê, estudar, desfibrar, esquadrinhar, descer — ou subir?— lá até onde irra-

dia o sol da Alma, o principio fundamental e absoluto do Todo? para quê?!...

E' contra essa apathia que o Sincerismo surge como um protesto — e, neste ponto ao menos, salutarissimo.

Mas seja o proprio sr. G. Gramegna quem mais completas informações nos dê da sua theoria: traduzo do artigo La vie de l'âme a que já me referi.

«Romancistas, philosophos, dramaturgos—Hugo, Balsac, «Schopenhauer, Stendhal, Amiel, Renan, Ibsen, Nietzshe, Tols—«toi — balisaram os estadios do seculo pela significação synthe—«tica das almas no movimento historico da sua existencia; to—«davia nessa rede subtil de subtilisações ontologicas, o verda—«deiro sentido da vida escapou de todo, porque, como diz «mesmo um sincerista, a lucta entre as duas grandes corren—«tes ideaes da humanidade moderna, accentuando-se e inter—«minavelmente, não nos deu ainda sequer a apparencia do resultado sincero.

«O elemento preponderado apertou o adversario numa «elasticidade d'espiral, agarrando-se ao ponto onde a sua na«tureza encontrava a comprehensão, a equivalencia precisa.
«E na lucta eterna entre as deslumbrantes e falsas victorias e «as derrotas que a cada hora se renovavam—o homem patho«logicamente acurvado adquiriu nos seus minutos de calma uma «especie de malleabilidade, o espirito de divisão impelliu-o pa«ra uma linha de subtilisação de paixão, uma rede de malhas «entrelaçadas e lucidas.

«Tornada mais complexa, mais cosmica, mais individual-«mente egoista, a vida deu aos seres sensações fragmentadas «e na sucessão dos instantes, na revolução dos aspectos, o ho-«mem teve a emoção da sua fraqueza material, o orgulho ner-«voso da sua intellectualidade.

«Entretanto, com a desapparição da realidade, nenhum «outro ponto d'appoio ficou a servir de sustentaculo aos nos-«sos orgãos. D'onde: differenciação das consciencias, deshar-«monia phenomenologica que bem puderamos chamar adyna«mia psychica, se bem que a visual permaneça sempre a mes-«ma, o conjuncto, agora como antes, sendo ainda o registro «da humana rapsodia.

«Mas não é só isto.

«A potencia coercitiva das exterioridades impõe-se, em«quanto uma variabilissima reacção domina os temperamen«tos e a vida se episodía sob a influencia das paisagens emo«tivas. Assim a emotividade é hoje ainda a synthese da alter«nativa psychica, a fraquesa aniquilando toda a manifestação
«não facticiamente passional, o corollario d'uma longuissima
«serie de minusculas operações physiologicas. Sob esta espe«cie de acção pneumatica, o homem, tendo perdido a sua fina«lidade, sobrecarregado de ideas assimiladas por uma myste«riosidade do seu espirito, mas superiores ás suas faculdades
• mentaes, volta a fortiori ao ponto de partida da sua moci«dade.

«Tudo é vão sem elementos complementares e cada mo-«vimento da nossa vida não é senão a conclusão clarividente «d'um processus de pequenas ou grandes miragens.

«Voltemo-nos pois para a pura origem, para a essencia, «para o principio da evolução, para a sinceridade dos elemen«tos fundamentaes da existencia, para a prerealidade da perefeição, para a monada geradora de todas as entidades, para «o archeo da alma—principio dominante do ser, para a alma e immortal que é tambem a alma do universo.

## Che solo amore e luce ha per confine.

«O hemem não tem ainda consciencia de si mesmo, das «perfeições encerradas na sua alma, das suas entelechias cada «uma d'ellas tendo as suas entidades, das potencias das for•ças da naturesa—panthéos—de que elle é uma miragem «que será tanto mais perfeita quanto mais perfeita fôr a sua «alma formada nas noções do bem, do bello, da verdade, po«lares das tres grandes evoluções do espirito sideralmente in«finito.

«A alma moderna agita-se na massa informe e belligeran-«te de multiplas idealidades muitas vezes maculadas no confli«cto das forças brutas e não poderá depural-as senão alando-«se ás alturas innaccessiveis onde pode conversar a sós con-«sigo e a cujos pés torvelinham as vagas das humanas podri-«dões; não poderá depural-as senão pairando lá onde desa-«brocham em lyrios as alvuras dos silencios.

«A vida, comprehendida como ella é pelo Numero, não «existe para esse requintado que conscientemente se ascetisa «na iconostasia da sua alma, adorando-a e em face d'ella se «extasiando e rogando-lhe erga a tampa d'oiro virgem do seu «ciborio, radiante d'um halo versicolor, para lhe saborear a «misteriosa essencia.

«Um litterato napolitano, M. A. Cantone, artista pessoal e «original, elle, primeiro que nenhum outro, lançou o verbo nu«ma poesia dedicada á Alma essencia. Era sob uma expressão «synthetica a visão das espheras dantescas flamejantes de mi«lhões d'almas – florivolos elytros de corollas de milhões de co«rações — a contemplação da causa primaria de todas as coi«sas.

Ove s'appunta ogni ubi ed ogni quando.

—«Eu quero, Dante, o teu monte illuminado do planeta ex«hortando a amar, o raio esperado rebentando, lá em cima,
«da porta de diamante. E em tremula cadeia de empyreos,
«os espaços deslumbram em infinita maravilha de astros e de
«circulos ardentes—milhões de vidas em uma vida! E em su«premas ternuras errantes—Christos em cruzes expiram d'a«mor; operam milagres lá das espheras alleluiantes, — mi«lhões de corações num coração! E Ella apparece fulgurante,
«florea—seraphica de amor, salve regina—descendo a esca«daria de alabastro, engrinaldada d'um loureiro de sonhos.»

Essa poesia-programma, de que nos falla o sr. G. Grame-gna, recebeu-a a critica, como aliás era d'esperar, com as vaias e apupos que ella reserva sempre para tudo quanto se lhe defronta superior. Não a conhecemos senão pelo excerpto supra: em compensação, aqui temos sobre a banca, por uma penhorante amabilidade do auctor da Carmencita, o poemeto-

Egó e Pánta, com que o requintado poeta sr. Michele—A. Cantone respondeu á critica na Medusa.

Pouco se nos dá do que seja o Sincerismo, como eschola

d'arte: muito, o que elle, como eschola d'arte, inspira.

Pois a melhor justificação do programma é este allucinante poemeto mystico-pantheista onde, aqui e alem, como que se vê roçar a aza da musa inspiradora de Shelley no Epipsichidion e no Alastor, que, tão forte foi a suggestão, nós em seguida fomos ler na tradução franceza de F. Rabbe.

Não é uma imitação do Shelleysmo; é mais e melhor do

que isso: é a sua exaggeração ainda.

Ego—incarnação idealisada de todo o Eu—é, por assim dizer, o symbolo da Humanidade soffredora, debalde repetindo o grito de dor uivado por milhares de milhões de boccas: Pánta—aurora irradiando do fundo do mais fundo de todas as nossas trevas interiores—é a alma da mulher que pelo Universo e por cada musculo do homem se reparte e multiplica; é a allegoria da Naturezi, pois que nella todas as nossas religiões se partheisam; a eterna creadora;—a Mãe da Humanidade.

«E na sua carne elançada, tal qual uma amphora moder-«na e antiga e futura, era ella um sonho d'alva palingenetica «sobre o mundo da alma de Ego, naturando-se nella mysti-«camente.

E com os olhos extasiados na visão da Belleza, eil-o, o Poeta cantando a plena voz num torvelinho de estrophes rubras e impetuosas, como os rubros e impetuosos vagalhões das arterias que lhe dilatam a arca do peito.

«Salve, violencia de fremitos! Suprema vida de vidas! Lá «Jas terras ardentes do Equador até ao ceo nival das terras «Antarcticas, da branca sidereidade das infinitas terras celes- «tes á infinita amplidão dos mares, salve!

«Num circulo cingido de esplendores — palidas luas e bran-«cas e azues e amarellas estrellas e soes fulgurando em divinos «altares virginalmente! «Eis, numa deslumbrante ascenção de degraus, um myste-«rio de paixão fulgurando ao fulgor da tua graça em fulgu-«rantes adorações! Eis o vivo Jardim d'Encanto, o Eden tra-«gico, a ondulante coma rythmando musicas de sonhos palpi-«tados em admiraveis cadencias d'extasis.

«Oh, nos ceos, nas fascinações, o meu espirito, por ti camado, como um homem novo! E com teu corpo de beijos «florido, vagabundear de mundo em mundo por todos os «mundos, vagabundear de vida em vida por todas as vidas, «de coração em coração vagabundear por todos os corações! «E como em noite estrellejante, na Alma das almas estrelle—«jar.

«Uma musica alada desce então das longinquas nebulosas. «Na ondulação tremula dos silencios harpas longinquas chovem «sons candidos de cordas subtilissimas, ethereas.

«Por entre as pausas palpitantes d'um coração, a melodia «seleneticamente palpitava. Noite: uma dalmatica, as estrellas: «os oiros e as pratas serpentinamente entrançados. E na onda «dos velludos ampla, negra, magnifica, a sua carne nua irra-«diando ao esplendor dos soes.

«Noite auroral, de sonho! Alma-noite universal! Obscuro «mar em chammas luminosas rebrilhando, no infinito — como «infinita barreira ao ceo! Ardente noite vibrando ao rythmo «do seu Coração, ipogenesia eterna, alma-essencia! Mas d'esta «nocturna ara d'Eleusis mysteriosa, templo alto isiaco: a Noi- «te, quero eu que a aurora surja, a Aurora immortal dos se- «culos, assim como uma rainha de novos soes vestida! E nes- «ta Aurora as nocturnas almas illuminarem-se todas! Appa- «recer o Dia na mythica batalha das gemmas. E sobre o mundo «num immenso fulgor, num fulgor alem de tudo quanto ha «já visto, num deslumbramento, fulgurar a Deusa, como um «hymno rapsodico de Luz.

Propositadamente, fiz quanto possivel por traduzir, litteral e seguidamente, o remate quasi intraduzivel d'este, mais para ser sentido que lido, poema onde redemoinham clarões de ge-

#### AVE-AZUL

nio numa cataracta de loucura: propositadamente, sim: para em face d'essa allucinante evocação de allucinado melhor e mais por completo ficarem os meus leitores fazendo uma approximada ideia do que seja o Sincerismo — essa tropical florvirgem da Arte, cujo fructo perturbante, o Ego e Panta, nos deixa a alma num como que estado dyonisiaco, numa ebriedade por assim dizer hieratica.

Dos dois evangelistas do Sincerismo, os srs. Giuseppe Gramegna e Michele A. Cantone, para breve, um drama feminino, mystico, d'um idealismo transcendente:—Serpent à Sonnettes...

Para então reservo, pois que este artigo já vae fora de villa e termo, o mais que sobre o assumpto se me offerecia dizer.

CARLOS DE LEMOS



# CARNAVAL

~12x

Do nosso presado collega, A Folha, transcrevemos, com a devida venia, a bella poesia, com o titulo supra, do nosso bom amigo e illustre poeta dr. Sanches da Gama, por isso que, archivando-a nas paginas da nossa Ave-Azul, entendemos interpretar os desejos de quantos lh'a ouviram e calorosamente lh'a applaudiram, quando por elle suberbamente recitada na noite do Gremio.

#### CARNAVAL

(Impressão d'um baile publico)

Concerta a cara, histrião! Sacode os teus cascaveis! Salta e folga Carnaval!... Pintalgada de ouropeis, Vae de traz a multidão Do teu carro triumphal...

> Gosa os teus fóros E liberdades, Bobo tyrano! Véem dos teus póros Brutalidades De todo um anno.

Na tuas farças
Vejo as bravatas,
Vejo as tendencias
Da alma infeliz!...
Tu não disfarças,
Antes retratas
As consciencias
Em raios X!...

Sendo tão pobres, Muitos operarios Trajam de Rei De altos imperios! Mascara! Cobres Extraordinarios, Fundos mysterios, Que nem eu sei!

Agora ali Um merceeiro, Da valsa exhausto, Ri prasenteiro N'um travesti De Doutor Fausto!

> Mais alem vejo A prostituta De noiva calma, Ai que desejo! Que horrivel N'aquella alma!

O' Carnaval!
O folião!
Ri no teu manto
De vivas côres...
E's meu igual!
Sou teu irmão!
Visto rir tanto
Das proprias dôres!...

SANCHES DA GAMA



# Emancipação da mulher

-000

Estava — não, esgotado o assumpto; mas terminada a pugna, pelo que nos dizia respeito — á mingua de combatentes, como no Cid.

Não é filaucia; é a pura verdade.

Chamados á barra varios dos nossos collegas, a Tribuna dava a alma ao Creador, depois de devidamente responsada pelo Rev.º Padre Senna Freitas; o Correio Nacional, contra a usança da boa cavallaria por elle religiosamente praticada, fazia ouvidos de mercador ao nosso repto; a Alliança accolhia-nos com palavras de sympathia que muito agradecemos e publicava no seu logar d'honra um bello artigo sobre a mulher christã, que nada tinha com as incoherencias do meu contendor; e como ella, assim a Educação Nacional iniciava galhardamente a publicação de artigos sobre a educação da mulher, de modo algum referentes á polemica em que S. Rev.<sup>ma</sup> tão pouco á altura dos seus creditos se apresentara...

Não havia pois, meio de proseguir o combate: o meu reverendo antagonista retirara ás primeiras investidas: e tão desgraçada era a sua causa, que ninguem, nem ao menos por caridade christã, se resolvera a substituil-o na liça...

E recolheramos á nossa tenda, persuadido de que o Rev.º P.º Senna Freitas, em questões de feminismo, era um homem moralmente morto, sem voto d'ahi para o futuro. Poderia vir para o *Correio Nacional* ensinar o uso da agua aos seminaristas; ou para os jornaes de Barcellos celebrar os encantos de Cintra: o que elle d'oravante não poderia era vir dizernos qual a sua opinião sobre a mulher e a melhor forma de ella realizar a missão que o Creador lhe confiou ao dal-a por companheira ao homem.

Nessa doce persuasão descançavamos.

Veio de subito o Mundo Catholico — que de perfume de damas se fez simonte de clerigos — arrancar-nos, ai de nós! d'aquella bemaventurada illusão...

Leva acima, Renato: deixa os jardins d'Armida; enverga de novo as tuas armas; chamam-te á lucta; não ouves?!

E o pobre de mim, poz de lado os seus inoffensivos devaneios de poeta e correu para a porta da sua tenda ...

Oh, surpresa! quem lhe surgia agora pela frente era uma dama...

E as armas cahiram-lhe: tanto mais que essa dama não fazia mais que cumprir bisarramente a sua gloriosa missão de mulher—acudir pelos vencidos, forcejar por erguel-os, cuidar de os trazer á vida...

Eu me explico.

No Mundo Catholico, de novembro, sob o titulo de Questão actual - O Feminismo —, veio publicada uma carta em que, de envolta com louvores ao Rev.º P.º S. Freitas, se me fazem umas referencias nada justas.

Os louvores ao Reverendo (se bem que descabidos, muito mais da parte d'uma senhora) não viria eu contestal-os, que não valia a pena; mas as referencias á minha pessoa, desde que injustas, não posso eu deixar de as repellir.

Antes porem, uma observação:

A redacção do Mundo Catholico, numas linhas preliminares, diz que «ultimamente se tem discutido muito, no limitado mundo litterario, este assumpto importantissimo (o Feminismo)... r: e em abono do assertó cita varios nomes de escriptores que sobre a questão emittiram «a sua opinião pessoal» dando o primeiro logar ao Rev.º Senna Freitas, como se fôra elle, entre nós, o primeiro a chamar sobre ella a attenção do publico. Ora, mezes antes, este mesmo escriptor, começava o seu artigo da Tribuna que Deus haja, por estas palavras: -«E' um assumpto (a Emancipação da mulher) que está na ordem do dia». Assim pois, o proprio Rev.º Senna Freitas implicitamente affirmava não ser elle o primeiro a tractal-o entre nós. E d'esta vez tinha elle razão. Înjustica foi, da parte do Mundo Catholico (se é que não foi ignorancia) não citar, por exemplo, na primeira linha o nome d'uma distincta escriptora nossa que na Vanguarda publicara, muito antes, uma serie de artigos sobre o Feminismo, subscrevendo-os com o

pseudonymo de Cil. A esses artigos me referi na minha analyse ao artigo da Tribuna, sem ainda então saber quem seu auctor: hoje que o sei, apresso-me a aproveitar o ensejo de render as devidas homenagens á illustre romancista sr.ª D. Alice Pestana que, com o pseudonymo de Caiel e de Cil, tanto tem honrado e enriquecido as lettras portuguezas e contribuido para a propaganda das altas ideias humanitarias.

Outra escriptora nossa, não menos distincta, a sr.ª D. M. A. Vaz de Carvalho, de ha muito vem expandindo tambem, em revistas e em livros, ideias sobre o assumpto, mais consentaneas ao modo de ver do Rev.º S. Freitas: podemos desapproval as e desapprovamolas: mas o que não podemos é deixar de affirmar que, se nellas se evidencia uma tal ou qual subserviencia á opinião do maior numero, não menos nellas se evidencia um alto talento e uma grande illustração. De resto, essa e outras escriptoras, portuguezas e extrangeiras, que se teem affirmado antagonistas da emancipação da mulher, fazem-me lembrar aquelle notavel microbiologista que ia saboreando as cerejas ao mesmo tempo que aconselhava aos outros commensaes que d'ellas se abstivessem porque eram um viveiro de microbios...

E tendo citado nomes, alguns de senhoras que ainda não tinham entrado mas iam entrar na discussão, bem fizera o *Mundo Catholico*, se tivesse feito menção do sr. Lobo de Miranda, illustre professor da Escola annexa á Normal, que em varios numeros da *Folha do Povo* largamente contestou, como eu, as ideias do Rev.º Senna Freitas, do que só tarde tive noticia

Suum cuique:—e o Mundo Catholico, mais e melhor do que qualquer outro jornal ou revista, devia timbrar em fazer justica, mesmo, e sobretudo, a adversarios.

Mas o Mundo Catholico abre as suas paginas a quantos desejem tratar o assumpto...

Muito bem.

Põe só esta restricção:—«que o faça de maneira a um jornal catholico lhe poder dar publicidade.»

Que quer isto dizer?

Que os artigos enviados á Redacção do Mundo Catholico sejam orthodoxos?

Não me consta que o Pontifice se tenha pronunciado sobre o movimento feminista—por emquinto: e, que se tivesse pronunciado, desde que o *Mundo Catholico* só désse publicidade a artigos pautados pelas ideias da Egreja, deixaria de ser uma arena aberta a todas as opiniões, para se tornar orgão apenas d'uma d'essas opiniões—a orthodoxa.

E tanto esta não é a interpretação a dar ás palavras transcriptas, que, a seguir á carta de M.<sup>m2</sup> Rose, que me suscitou estas paginas, o Munto Catholico dá publicidade a um artigo d'uma outra senhora que se acoberta sob o pseudonymo de Ignota, artigo, a nosso ver, muito pouco orthodoxo... E o que mais surprehende é que não foram as ideias menos orthodoxas que melindraram a redacção do Mundo Catholico, mas simplesmente—oh! como os homens se manifestam sempre .. homens!...—«alguns exaggeros e injustas reprimendas ao Homem»: e tanto esses exaggeros e reprimendas a melindraram, que para logo ficou feita a promessa solemnissima de «levantar a luva no proximo numero»: e não foi só no proximo numero; foi nos dois numeros seguintes que o sr. Pereira Pinto (Balsemão) tractou de deffender o Homem das accusações, que elle taxou de injustas, de M.<sup>m2</sup> Ignota.

Mas, de resto, lá vinha a declaração expressa de que o artigo de M.<sup>me</sup> Ignota não se afastava «da linha marcada em o nosso programma» . . .

Mas então, se a restricção não visava á orthodoxia, como entendel-a?

Quanto á cordura, delicadesa e caridade christã no debate?

Mas, nesse mesmo numero e nos seguintes do Mundo Catholico, tenho lido a serie de artigos de Mgr. Alçada de Paiva intitulados Na brecha: e, francamente, o que de nenhum modo é desfazer no seu merecimento, no que elles menos primam é na caridade christa, cordura e delicadesa que, aliás, eram d'esperar d'um alto dignitario da Egreja.

O que é verdade é que essa restricção lá vinha; e que, por

não saber bem qual o seu alcance, é que não enviei á Redacção do *Mundo Catholico* a contestação das linhas que na carta de M.<sup>me</sup> Rose me visavam, reservando-a, bem a meu pesar, para este n.º da *Ave-Azul* que eu já calculava que só tarde poderia apparecer.

Felizmente ainda chega na altura:—no ultimo n.º do Mundo Catholico, de fevereiro, vem a replica de M. me Ignota aos artigos do sr. Pereira Pinto (Balsemão); e, o que é mais e melhor ainda, o caso não fica por aqui, porquanto, a precedel-a, lá vem a promessa de treplica, d'esta vez a cargo do Revd. Padre Vacondeus, que faz parte da redacção da mesma revista.

Ora pois, venho ainda muito a horas.

Entro, e já não é sem tempo, na analyse da carta em questão.

\* \*

E', como disse já, de M.<sup>me</sup> Rose que a escreve, em francez, ao seu querido padre Senna Freitas datando-a de quinta feira 18 de novembro de 1899.

Esta circumstancia de a escrever em francez faz-me já desconfiar de que a dama não sabe bem o portuguez: isto explicaria em certo modo, se bem que desauctorisando-o, o juiso por ella feito do artigo da *Tribuna*.

Por outro lado, o francez da carta é... é um francez como o poderia escrever qualquer portuguez que tivesse estudado dois annos aquella lingua.

E surge-me para logo esta duvida:

- —A carta é d'uma senhora franceza, que, apesar de residir em Portugal, ainda não sabe bem o portuguez de forma a poder corresponder-se nesta lingua com as pessoas das suas relações em Lisboa?
- —Ou é d'uma senhora portugueza que, por snobismo irritante, se mette a redigir a sua correspondencia em francez, em logar de, como era natural, usar a lingua de seus paes, como toda a gente que teve a felicidade de nascer na patria de Camões e de Vieira?

No primeiro caso, que auctoridade é a d'essa dama para julgar do merecimento de prosis portuguezas e se permittir ainda a liberdade de accusar os outros de falta de comprehensão?

No segundo... que falta de modestia, aggravada ainda com a publicidade, da parte d'uma senhora que, por contraria ao movimento feminista, mais deveria manifestar aquella modestia que se cohib que, segundo o seu querido padre Senna Freitas, é o que na mulher nos ganha e seduz e sem o que ella fica, desde que emancipada da tutella do homem!

E é então, ou nunca, o caso de lhe applicar uma d'aquellas phrases «à la tournure fine, naturelle, élégante et simple»

que o Rev.º Senna Freitas publicou na Tribuna:

«O traço da desenvoltura altiva na mulher pode, accaso, «agradar a D. Juan para o prazer facil, nunca ao marido pa-«ra o convivio perpetuo do lar.

E antes de mais:—para quem supponha menos cortesia, da minha parte, desde qua a questão é com uma senhora, peço licença para observar que essa senhora me apparece mascarada e portanto sem eu poder saber ao certo se me estou dirigindo a uma senhora verdadeiramente senhora ou ... ou a um qualquer seminarista que, para grangear as boas graças do Rev.º Senna Freitas, que é conego da Patriarchal, veio para o Mundo Catholico assoalhar as suas impressões relativas ao artigo de S. R.ª e ao meu.

Pois, d'outra maneira, se a carta é d'uma senhora que a escreveu ao seu querido padre Senna Freitas, como é que das mãos d'este passou para a redacção do *Mundo Catholico*?

A sua publicação resultou d'um abuso d'aquella redacção? resultou d'uma indiscripção – que ainda fôra maior abuso—do Rev.º Senna Freitas?

Deu a dicta senhora permissão para que ella fosse publicada?

Então, quem lhe pediu essa permissão?

O reverendo?

A redacção?

?!...

E por quê? com que fim?

Por vaidade do Rev.º Senna Freitas que quiz que o Mundo Catholico soubesse que uma senhora gostara dos seus artigos e achara que eu é que os não lera bem?

Não devo admittir tal coisa, sentimento tão pequenino, da parte do Rev.º Senna Freitas, cujas ideias posso discutir, mas de cujo caracter, por emquanto, nem mesmo quero duvidar.

Por desejo da epistolante que entendeu dever tornar publica a sua adhesão ás ideias do seu querido padre Senna Freitas e o menospreço em que tinha a minha contestação ás mesmas ideias?

Mas então, como se explica a substituição do nome que devia subscrever a carta, no autographo, por um pseudonymo, Rose, que, embora seja um pseudonymo muito lindo, sempre é um pseudonymo e como tal — sem auctoridade para se impôr ao respeito do publico e muito menos ao de quem, como eu, nessa carta foi tractado — não quero dizer que com maldade, mas por sem duvida com injustiça?!...

E depois, como explicar ainda esta incoherencia de uma senhora — que classifica de cheio de verdade (rempli de vérité...) o dicto de caseira e honesta ou rueira e rameira que o R.º P.º Senna Freitas aprendeu de Proudhon...—vir agora para a rua apregoar aos quatro ventos as suas ideias, invertendo assim a sabia economia que liberalisou ao sexo bello tendencias de concentração domestica?!

Veja M. me Rose o artigo do seu querido padre Senna Freitas na Tribuna: lá vem no grupo das inversões por S. R. ma estigmatisadas a ida da mulher para a banca do jornalista politico... E não lhe sirva de escapula a restricção de politico adjuncta ao termo jornalista, porquanto M. me Rose, dando o seu voto na questão da emancipação da mulher, é numa questão politica que se decide, que não noutra: não se tracta de Religião; não se tracta de Arte; não se tracta de nada senão de Politica: se assim o quer, de Economia... mas de Economia politica, muito embora a produzir os seus bons ou maus effeitos, seguidamente, na Economia domestica...

E noto assim que mais uma vez - tantas são ellas já!...

— uma dama, contraria ao movimento feminista, vem, contra o que fôra de esperar e de desejar, prégar-nos umas ideias, seguindo outras, o que não é dos melhores meios de angariar proselytos? .

Aqui temos nós M.me Rosz-realmente enthusiasmada e mesmo emocionada pela forma persuasiva que o seu querido padre Senna Freitas deu a todas as suas phrases de recorte fino, natural, elegante e simples: aqui a temos nós dizendonos que o artigo do seu querido padre Senna Freitas está admiravelmente escripto e cheio de verdade e que todas as mulheres deveriam lisongear-se e ter-se por felizes em se assemelharem ao seu ideal (d'elle, do seu querido padre Senna Freitas): aqui a temos nós a suspirar-nos a velha aria de que a mulher seria sem duvida muito mais attrahente e muito mais poetica (oh! pois que attractivo maior do que o da dependencia e que maior poesia que a da ignorancia?!...) se se não despojasse de certos attractivos inteiramente femininos (os taes do parenthesis supra...) que lhe ficam bem e a tornam encantadora: aqui a temos nós, ó senhores, tão firmemente convertida ás ideias do seu querido padre Senna Freitas: e, apesar d'isso ou por amor d'isso mesmo, (vejam os feminis desconcertos!...) aqui a temos nós arredada da intimidade do Lar onde ella é o anjo, o sorriso, a rainha (vide Tribuna) e atirada para a atmosphera nauseante d'uma salla de redacção (que me perdőe a redacção do Mundo Catholico!) masculinisada pelo convivio (dize-me com quem lidas...) e, o que é peor, matriculada, conseguintemente, na escola livre da emancipação, que o mesmo é, diz o seu querido padre Senna Freitas, que vassar fatalmente a ser um harem de gosos sensuaes!

E querem que eu acredite que aquella carta é d'uma senhora e d'uma senhora que pratica as ideias do Rv.º padre Senna Freitas?!...

Não pode ser; não posso acredital-o, pelo menos emquanto a auctora (?) da carta o não vier declarar, assignando a declaração com o seu verdadeiro nome.

Até lá, sou levado a suppôr que anda ali seminarista que quer vir a ser cantor da Sé-Patriarchal...

E, pois, nada me obriga, não é verdade? ás attenções que a uma senhora se devem e eu, muito menos que qualquer outro, lhe regatearia...

Para damas — cavalheiro; para sabujos — marmelleiro. Se não é da sabedoria das nações, deveria sel-o...

Após as linhas da carta que acima traduzi sublinhando, seguem-se as palavras que me respeitam, ou antes, me desrespeitam. Eil-as:

«Je ne comprends pas Mr. de... dans sa révolte — Il faut «croire qu'il ne vous a pas bien lu — Car, enfin... etc.

O nome do individuo, cuja revolta M. me Rose não comprehende foi substituido por uma reticencia: isso porem nada faz ao caso. Era o meu nome; não podia ser d'outro, nem mesmo o do sr. Lobo de Miranda, pois que não o citam nas linhas que precedem a enigmatica epistola.

Ora que M.<sup>me</sup> Rose me não comprehendesse, ella que escreve em francez, provando assim que não sabe bem o portuguez, não é motivo para grandes surpresas: mas que venha uma senhora franceza accusar-me a mim de não ter lido bem o portuguez do seu querido padre Senna Freitas ou é fazer de mim muito ignorante ou do portuguez de S. Rev.<sup>a</sup> muito grego. E, como a segunda parte do dilemma é inadmissivel, attento o juizo que M.<sup>me</sup> Rose faz do artigo da Tribuna, tenho de optar pela primeira, por muito que me repugne e... e me melindre: pois porque não?!...

Ah! eu sei, eu sei que o Rv.º P.º Senna Freitas disse, relativamente a um ou outro pequeno (?) labeu atirado ao nosso sexo por mãos d'uma senhora, que eram mãos delicadas, que mesmo quando nos ferem, não chegam a esgarçar-nos a epiderme: sei isso:— mas, primó: não dei a S. Rev.ª competencia para decidir da susceptibilidade da minha epiderme: secundo: não sei se são mãos de senhora as mãos que ora me agatanham e me deixam a epiderme em sangue: tertio (e é este o motivo mais forte) eu protestei, e energicamente, contra aquelle excesso de galanteria que passava as raias d'uma insolencia...

Portanto...

De resto, M.<sup>me</sup> Rose bem podia cantar lôas, até se cansar, ao seu querido padre Senna Freitas, sem precisão de fazer referencias ao seu contendor: e, se, para lhe captar mais as boas graças, cahiu em fazel-as numa carta que pensava ficaria guardada na carteira de S. Rev.<sup>a</sup> entre os seus papeis mais preciosos, eu é que não tenho culpa nenhuma de que S. Rev.<sup>a</sup> viesse assoalhal-as (se elle o fez sem sua annuencia) para as columnas do Mundo Catholico; e se o fez com annuencia previa de M.<sup>me</sup> Rose, então a unica culpada da situação em que ora se encontra M.<sup>me</sup> Rose, é ella propria — e mais ninguem.

A reticencia nada salva, visto que aquellas palavras, emquanto pelo menos se não provar o contrario, só a mim podiam visar.

Ora pois, em refutação do asserto de M.<sup>me</sup> Rose, tenho a informal-a de que li bem, e muito bem, o artigo do seu querido padre Senna Freitas; e que foi exactamente pelo muito que o li bem e muito bem, que me revoltei, como me revolto ainda e me revoltarei sempre, contra o churrilho de disparates intoleraveis, inexplicaveis incongruencias e absurdissimas conclusões de que vinha todo recheiado o artigo publicado na Tribuna pelo Rv.º P.º Senna Freitas.

De alguma coisa me havia de servir, louvado Deus, andar eu ha quinze annos a estudar a lingua que desde creança me ensinaram a fallar...

E se M.<sup>me</sup> Rose, põe em duvida que eu soubesse ler bem, e comprehender portanto, o artigo de S. Rev.<sup>a</sup> por elle estar escripto num portuguez seu tanto ou quanto afrancezado, pode a querida Madama ficar tranquilla a tal respeito, porque tambem sei do francez o bastante (que não é muito, valha a verdade) para interpretar os gallicismos d'elle e traduzir o francez de Madama...

E' tempo de concluir, tanto mais que o resto da carta são commentarios, a seu modo, ás ideias de S. Rev.<sup>a</sup>:—mas não, sem para aqui transcrever o final da carta para ficar bem em evidencia quanto a sua publicação tem de... de incomprehensivel: ahi vae:

«En vous remerciant la gracieuseté de m'avoir donné le

«plaisir d'aprecier votre talent, une fois de plus, je vous prie «de m'excuser si j'ai gardé les journaux si longtemps mais je «voulais lire votre bel article à differentes personnes mes «amies qui comme moi en furent charmées.

Ahi o teem.

E agora digam-me se não é realmente para surprehender ver publicada nas columnas do *Mundo Catholico* uma carta assim familiar, assim intima, que se vê claramente que não foi escripta para ser publicada, mas sim, e unicamente, para acompanhar os n.ºs da *Tribuna* que o Rev.º P.º Senna Freitas emprestara e de cuja demora M.<sup>me</sup> Rose pedia desculpa!

E, a ser esta carta d'uma senhora, que concluir de tudo isto então?

Que o Rv.º P.º Senna Freitas, lisongeado e envaidecido com as louvaminhas de M.<sup>me</sup> Rose (ah! Corydon! Corydon!... pois S. Rev.ª não via que M.<sup>me</sup> Rose estava pondo em pratica o seu mesmissimo conselho — usando para com S. Rev.ª da tal ternura que dissimula?!...) lisongeado e envaidecido, repito, com as louvaminhas de M.<sup>me</sup> Rose, lhe pediu permissão (na melhor das hypotheses...) para as tornar publicas e, concedida ella (pois, como recusar-lh'a, se ella era uma sua humillima admiradora?!) correu á Redacção do Mundo Catholico a levar-lhe a carta para que soubessem e para que fizessem saber a todos os seus leitores que M.<sup>me</sup> Rose applaudia as suas ideias e decidia qu'il faut croire que Mr. de..., quer dizer, que eu é que não o lera bem!

Pois saiba M.<sup>me</sup> Rose que não só me revoltei e me revolto ainda e me revoltarei sempre contra as ideias pelo seu querido padre Senna Freitas expandidas nas paginas da *Tribuna*: mas tambem me revolto e me revoltarei sempre (a ter-se o caso passado assim...) contra o procedimento d'um tal padre que, pelo visto, põe acima de todas as conveniencias a satisfação da sua vaidade.

Mas eu, insisto, prefiro acreditar que a carta de M.me Rose é d'algum seminarista que pretende vir a ser cantor da Sé Patriarchal de que S. Rev.ª é conego...

Parece-me porem, que, d'esta vez ao menos, não sahirá approvado por S. Rev. a: sahiu-lhe o solfejo muito baixo...

## CARLOS DE LEMOS

P. S.—No n.º 9 do *Mundo Catholico*, correspondente a janeiro, em referencia ao n.º 12 da *Ave-Azul*, veem estas linhas:

«Nelle (no dicto n.º 12 da Ave-Azul) vemos que, de-«vido a ter o Mundo Catholico entrado na discussão do pal-«pitante assumpto—O feminismo,—voltam de novo á refrega «os illustres redactores da Ave-Azul.

Tenho uma ligeira, mas imprescindivel rectificação a fazer:-quem promettia voltar de novo á questão era o redactor, não os redactores da Ave-Azul. Beatriz Pinheiro, sua directora, nada tem com o que eu escrevo como com o que ella escreve nada eu tenho. Se se tem occupado em varias chronicas (·las quaes a primeira escripta e creio que publicada antes de na Tribuna apparecer o artigo do Rev.º P.º Senna Freitas, e ainda na d'este fasciculo se occupa, como em futuras chronicas se occupará, da emancipação da mulher, ou antes, da devida preparação da mulher, pela instrucção e pela educação, para o bom desempenho da parte que lhe toca no melhoramento da sociedade futura, não foi nem é, nem será, porque na Tribuna ou no Mundo Catholico ou noutro qualquer jornal ou revista se tenham occupado ou venham a occupar do assumpto (a inversa é que poderia ter algum fundamento...); mas sim porque, mulher que é já esposa e mãe, como tal podendo compulsar bem as difficuldades da ardua, e tão ardua quanto gloriosa, missão que tem a realisar na sociedade, reconhece que as mulheres, na sua maioria, não estão -e em grande parte por nossa culpa-habilitadas, por muito que o desejem, a desempenhal-a, como fôra mister.

Por isso, e só por isso, é que ella encetou as suas chronicas nessa ordem de ideias, arredada porem, de polemicas que em certo modo poderiam perturbar a serenidade por assim dizer quasi religiosa com que pretende tornar mais efficaz e sua propaganda.

De resto, é certo que ella, expondo as suas ideias, e eu, rebatendo as do Rev.º P.º Senna Freitas, ambos temos sido, como diz o Mundo Catholico «incansaveis defensores e propagandistas do feminismo», desde que por feminismo se entenda a preparação da mulher para o bom desempenho da sua missão de Educadora. D'aqui porem, só poderá concluir-se o seguinte:—que nós dois professamos nessa materia as mesmas ideias, talqualmente o Rev.º P.º Senna Freitas e M.me Rose professam as contrarias...

Quanto ao mais, cada um de nós, como já em tempos se declarou, apenas é responsavel, perante a critica, pelo que assigna.

C. de L.



## REGISTO BIBLIOGRAPHICO

## Bibliographia Garrettiana

Tantas têm sido, em Portugal e no extrangeiro, as obras ultimamente publicadas a proposito de Garrett, que, para d'ellas me occupar devidamente, não bastara de certo todo um fasciculo da *Ave-Azul*: darei todavia noticia das que visitaram esta redacção, desde já pedindo aos cavalheiros que com a sua offerta nos honraram, desculpa de o fazer muito succintamente, attento o pouco espaço de que disponho.

-Garrettiana (Divagações e Transcripções): Um grosso volume de 150 paginas, precedido do retrato de Garrett reprodução d'um desenho original de M. Sendim, feito em 1834, este, assim intitulado, que o illustre bibliophilo e publicista, sr. Annibal Fernandes Thomaz, acaba de colligir e publicar em tiragem de 80 exemplares, dos quaes 12 em papel de linho nacional e 68 em papel commum, todos elles para distribuição reservada, sendo o n.º 24 aquelle com que S. Ex.ª se dignou brindar-nos. Curiosissimo todo elle, curiosissimo e sobre maneira instructivo, como só da transcripção do seu Indice já os nossos leitores podem inferir. Depois d'umas tantas paginas de Diragações, que não são das menos interessantes, firmadas pelo nome do prestimoso e incançavel colleccionador, seguem-se as Transcripções, abrangendo Criticas listerarias, Homenagens posthumas, Tentativas para a creacão d'um monnmento a Garrett e Poesias á memoria de Garrett, não colligidas até hoje em volume, fechando com a Nota final, em que vêm ainda a transcripção d'uma pagina do livro do dr. M. Bordalo, Viagem á roda de Lisboa e um additamento á parte bibliographica, como complemento d'este precioso tributo ao Centenario Garrettiano.

Gomes d'Amorim, na nota com que fechava as suas Memorias, salientava já a difficuldade, não só de transcrever, mas ainda de citar todos os artigos e versos que se publicaram por occasião da morte do seu adorado Mestre e Amigo: essa difficuldade, com o decurso de quasi cincoenta annos, recresceu e tornou-se invencivel, como era natural: todavia esta Garrettiana do sr. A. Fernandes Thomaz, «dando noticia das tentativas que se fizeram para prestar ao divino Garrett o culto que lhe era devido» e tornando conhecidos varios escriptos, a seu respeito, hoje pouco menos do que esquecidos, fica, por sem duvida, constituindo um verdadeiro supplemento e tanto quanto possivel complemento da obra por Gomes de Amorim consagrada á gloriosa memoria do maior poeta d'este seculo—«o altissimo vulto que consubstanciou as mais variadas aptidões de poeta, dramaturgo, romancista, orador, jornalista e político, sem que fosse por nenhum outro excedido em qualquer d'ellas».

- -O «Impromptu» de Cintra. E' esta a primeira das publicacóes que, sob o titulo geral de Culto Garrettiano, a benemerita Livraria Editora Guimarães, Libanio & C.ª (Lisboa, Rua de S. Roque, 108) se propoz realisar, honrando assim, pela sua parte e d'um modo efficacissimo, a memoria do grande Poeta, pela vulgarisação de muitos dos seus escriptos, hoje raros e quasi de todo desconhecidos. Este Impromptu de Garrett conhecem-o já os leitores da Ave-Azul, porquanto com elle enriquecemos as Flores Garrettianas que acompanhavam o 3.º fasciculo em homenagem ao Centenario Garrettiano. Portanto superfluo tudo quanto acerca d'elle pudessemos dizer. Aos seus actuaes editores muitos louvores cabem pela tarefa a que puzeram hombros: e a quantos não possuam ainda esta aristocratica flor da nunca assaz encarecida graça garrettiana, aconselhamos-lhes a sua acquisição agora, porquanto, alem de tudo o mais, a plaquetta em bello papel de linho, é encantadora e custa apenas 200 reis.
- Memoria Historica do Conde de Avilez: E' tambem de Garrett, publicada na Revolução de Setembro de 15 de abril de 1895 e de lá reproduzida em folhetins do Campeão das Provincias, em 1893, mas só agora, depois de trasladada para a excellente revista bibliographica e critica Aurora do Cavado, colleccionada em volume pelo prestimoso e insigne bibliophilo e publicista sr. Dr. Rodrigo Velloso que d'ella fez

tiragem de 150 exemplares não destinados á venda, sendo 30 em papel de linho e 120 em papel d'algodão, e aquelle com que S. Ex.ª nos brindou o n.º 24.

Precedem-o algumas paginas, em que o seu benemerito editor faz a devida justiça aos incansaveis esforços do sr. Joaquim de Araujo—«um dos nossos mais radiantes poetas»—para a realisação do Centenario Garrettiano, esforços em grande parte, senão inteiramente, coroados do melhor exito, contra a geral espectativa. Tanto pode a fé, que é uma exaltação da vontade! e o sr. Joaquim de Araujo foi, honra lhe seja, um homem de boa vontade devotado ao serviço d'uma grande causa: d'ahi o ter conseguido o que talvez nenhum outro fôra capaz de conseguir.

Ainda por suggestão do illustre poeta é que o sr. Rodrigo Velloso fez edição da *Memoria*, pelo que muito lhe ficam devendo as lettras portuguezas e os devotos do divino Poeta, como nós, muito calorosamente o applaudem.

— Petits Chefes-d'Oeuvre de Garrett: — Uma preciosa plaquetta, em que o sr. Joaquim de Araujo, seu editor, reuniu as primorosas versões para francez de alguns pequeninos poemas de Garrett, feitas pelo illustre poeta da Ame Antique, Mr. Marc Legrand.

Tirante a ultima *Plaintes de Camöens mourant*, que é d'um excerpto do *Camões*, as outras conhecem-nas já os nossos leitores, porquanto faziam também parte das *Flores Garritianas*.

Das paginas ephemeras do periodicismo quotidiano as recolheu em volume o sr. Joaquim de Araujo—«como uma eloquente memoria do Jubileu centennal do autor do Camózs e das Folhas Cahidas, e como um preito de agradecimento ao gentil espirito que nacionalisou em França estes expressivos trechos da poesia portuguesa do seculo XIX»: pelo que muitos louvores lhe cabem.

Pela offerta, os nossos agradecimentos.

—Garrett e o Pantheon: Assim se intitula o artigo do illustre publicista e poeta sr. Dr. Theophilo Braga, estampado no n.º 5454 do Conimbricense, cuja Redacção d'elle fez agora țiragem, em plaquetta, de 100 exemplares em papel commum e 4, numerados, em papel de linho. Só depois de escripto e já impresso o nosso artigo sobre Garrett e a trasladação das suas cinzas para os Jeronymos, é que recebemos o exemplar com que o seu benemerito Editor,—que, vulgarisando-o, mais uma vez mostrou seguir briosamente as honrosas tradições paternas—se dignou brindar-nos. Se primeiro o tivessemos recebido, não teriamos deixado de auctorisar as considerações que sobre o assumpto fizemos com transcripções deste valiosissimo artigo, em que o incansavel Historiador da nossa Litteratura faz toda a justiça A'quelle que da nossa litteratura foi, neste seculo, o mais glorioso representante; não resistimos porem, a fazel-as agora, se bem que menos extensas do que desejavamos.

Da biographia de Garrett, diz elle que—«é a synthese de uma epocha, em todo o seu esforço de renovação, e é a expressão de uma raça ou de uma nacionalidade no que ella tem de mais intimo, de mais delicado e original».

Da relação em que elle se achava para os outros dois grandes escriptores do seu tempo, diz que—«não comprehende a acção immensa e complexissima de Garrett quem allia ao seu nome os de Herculano e Castilho».

E finalmente são ainda d'elle as seguintes linhas com que fecha o artigo e para que chamamos as attenções de todos os nossos leitores:

«O seculo que passou sobre o seu nascimento proclama-«lhe a supremacia entre a geração que valeu mais do que isto «que se vê. E' da honra e dignidade de nós todos que a os-«sada de Garrett saia do esconderijo em que está esquecida «para o Pantheon de Belem, que é tambem uma creação da «sua iniciativa. O parlamento que isto decretar será sempre «lembrado.

E agora, como complemento d'esta noticia, diremos que por jornaes da capital e do Porto nos consta que, redigida pelo sr. dr. Theophilo Braga em collaboração com o sr. Ramalho Ortigão, vae o Atheneu Commercial enviar ao Parlamento uma representação para que as cinzas de Garrett sejam

#### AVE-AZUL

trasladadas para os Jeronymos: oxalá se não demore e seja, como é justo, attendida.

Os nossos agradecimentos pela offerta.



### BIBLIOGRAPHIA INFANTIL

Primeiras Leituras: de Caiel—Parceria A. M. Pereira, Lisboa.—Contos para a Infancia: de Guerra Junqueiro—Parceria A. M. Pereira, Lisboa.—Alma Infantil: de Anna de Castro Osorio—Imprensa de Libanio da Silva, Lisboa.

Se ha genero litterario que mais requisitos demande de quem o cultive, é forçosamente este da litteratura para as creanças: d'ahi sem duvida o ser ella tão pobre, mesmo em outros paizes; mas, entre nós, então muito mais. Sem ser velho, sou ainda do tempo em que os creanças apenas tinham... o Thesouro de meninas. Com as historias da Ronna me distrahi eu, com ser rapaz, dês que soube ler. Verdade seja que não foi essa a minha unica leitura: parece-me até poder dizer que foi a menos assidua. O Flos Sanctorum, para deleite d'uma boa velhinha que Deus deve ter á sua vista, e As mil e uma noites, para minha particular recreação, desde os seis annos aos nove, mais que o Thesouro de meninas, me absorveram attenções e sympa thias...

Mas emfim, sempre direi que, se este não era grande leitura para creanças, aquelles dois muito menos.

Quer isto dizer que no meu tempo a verdadeira litterat ura infantil era a tradiccional: não, escripta; mas oral: não estava em livros, mas nos labios das mamans e das avósinhas...

Ora succedia que estas nem sempre tinham vagar e disposição para nos contarem historias: e d'ahi o mandarem-nos muitas vezes saltar lá para fóra, quando a gente o que queria era ficar cá dentro, encostar-se ás saias d'ellas e ouvir aquella linda historia da Princesa Branca-Flor, onde havia um cavallo que corria mais que o pensamento...

Isto porem, era no meu tempo.

Hoje—quantas mudanças em vint'annos!—hoje estão as creanças (digo, as creanças que saibam ler: e, palavra, que é para mim mesmo uma dôr d'alma ser forçado, por amor da verdade toda, a abrir este paranthesis...) melhor e mui-

to melhor que nós, neste como em outros, ou ainda, como em todos os sentidos: - já teem livros seus—e que bellos livros!— e já teem, os felisões! revistas suas—e que bellas revistas tambem!

O que a muitos falta é saber ler: quanto ao mais, é só pedir por bocca:

Querem publicações periodicas?

Bate-lhes á porta a Revista Branca que aos pequenos e aos novos se dedica.

Creanças porem, são por via de regra exclusivistas: partilha é coisa que lhe desagrada...

Pois, ahi lhes chega a revista Para as creanças que, por ser só para ellas e toda d'ellas, não pode de forma alguma suscitar questões.

Isto de publicações periodicas porem, tem, com todos os seus attractivos, um grande inconveniente: são uma fartura seguida d'uma fameira...

Pois, para o periodo das vaccas magras, ahi teem todo um banquete luculliano: livros, muitos livros e lindos livros quasi todos elles.

De tres, ultimamente recebidos, lhes quero eu agora fallar, todos elles tres tão lindos e tão bons que não sabe a gente qual d'elles o melhor e o mais lindo seja, cada um d'elles, em meu juizo, sendo, sob certo ponto de vista, o mais lindo e o melhor.

Nem admira que assim seja, porque, se dois foram escriptos por senhoras, o terceiro foi arrancado por um poeta da alma dos poetas e da alma do povo que é tambem poeta.

Ora para escrever p'r'ás creanças ou mulheres ou ... poetas que de mulheres algo teem: — a delicadesa do sentir e o encanto do imaginar.

Pois os tres livros de que lhes vou fallando são realmente tres optimos e lindissimos livros: é verdade: tanto que, sendo elles para creanças, eu, que por meu mal já o não sou (mas tenho ali quem por mim o seja: de alguma coisa me valeram os meus trinta e tres janeiros...) com sua leitura me distrahi e, sem vergonha o confesso, na sua leitura alguma

coisa aprendi, que o mesmo é dizer que alguma coisa aproveitei.

Das Primeiras leituras é auctora a sr.ª D. Alice Pestana (Caiël), directora da Revista Branca, escriptora já laureada, cujo ultimo romance O Tio Victorino, pelas paginas que d'elle li, quando naquella revista publicado, acho que devera ser não só lido mas muito meditado por todos os paes e por todas as mães, antes de o passarem para as mãos dos seus filhos que nelle aprenderão a ser homens.

Ora o mesmo juiso que do *Tio Victorino*, faço eu, e agora menos temerariamente porque este o li eu todo e muito attentamente, d'este volumesinho das *Primeiras leituras* que, publicado pela primeira vez vae em dez annos, nos apparece agora em segunda edição, o que, em certo modo, no nosso paiz e em livros de tal natureza, constitue o mais irrefragavel testemunho do seu merecimento.

«Escrever para os que entram na vida não é nem facil «nem ligeiro. Tem difficuldades e tem responsabilidades.

Isto dizia a auctora no prefacio de que acompanhava a primeira edicão.

Pois as difficuldades, venceu-as; as responsabilidades, solven-as.

A prova é que o reedita agora tal qual então sahiu a publico.

Deixal-a dizer que lhe não boliu por medo de commetter um desacato: não lhe boliu mas foi pela consciencia que tinha, que devia ter, de que tal qual estava estava bem.

Já antes de lh'o dizerem os pequeninos, certo lh'o haviam de ter segredado o seu generoso coração de mulher e o seu alto espirito de educadora.

Escriptas numa linguagem simples, correcta e clara, que bem pudera servir de exemplo a muitos dos nossos escriptores mais fallados, cada uma d'essas historias, interessantissima como historia, é ao mesmo tempo uma verdadeira e salutarissima lição de moral—para as creanças e para os que não são creanças; para os filhos e para os paes.

E é sobretudo aos paes que eu o recommendo: que o

leiam: e, se, por felicidade sua, tiverem filhos que lhes mereçam premios, não lhes dêem outro: porque este fará que taes satisfações se lhes repitam muitas e muitas vezes.

—Do grande poeta sr. Guerra Junqueiro é o volume Contos para a infancia: d'elle, porque, se, como disse já, elle o não escreveu, mas colligiu, a verdade é que muitas das pequeninas historias que nelle se me depararam, as conhecia eu já com variantes, episodios accessorios e prolixidades que as tornavam menos perfeitas: quer isto dizer que não só escolheu e soube escolher, mas ainda, depois de feita boa escolha, onde foi preciso, retocou, compoz, aperfeicoou. Assim, este recolho de lindas coisas dos outros, tornou-se, com razão quasi em toda a linha uma obra toda sua.

Lá vem aquelle sublime poema de amor maternal A mãe, e aquella picante satira da vaidade humana O fato novo do sultão que eu já vira aproveitada, e que bem aproveitada! nas Farpas, e aquella conhecida historia do Carlos Magno e o abbate de S. Gall que anda na tradição popular sob o titulo de Historia do padre João Sem-Cuidados e o Chapellinho encarnado e a Branca de neve com que se emballou a minha meninice: e com todas estas historias, uns pequeninos poemas —A Canção da Cerejeira, A urna das lagrimas, Os tres veus de María, A Boneca, O Linho, a Egreja do Rei e outros ainda—que, por serem em prosa, não deixam de ser verdadeiras joias de poesia, de boa e alta e nobre poesia. Deixem-me ainda, por descargo de consciencia, citar O Rabequista e aquellas paginas da Rapariguinha e os phosphoros que nos toma a alma numa commoção indizivel.

De resto, esta é a sua terceira edição: o que prova, e valha-nos ao menos isso, que o bom-gosto ainda não desappareceu de todo da nossa terra; não: foi viver entre os pequeninos, que Jesus chamou para o pé de si e como os quaes a gente precisa de fazer-se para entrar na bemaventurança...

—Da Alma Infantil é auctora a sr.ª D. Anna de Castro Osorio, illustre directora da revista Para as Creanças, no nosso pequenino meio litterario já subidamente considerada e

muito applaudida pelo seu delicioso volume de contos *Infeli-* zes, de que na Ave-Azul se fez em tempos apreciação larga.

Contos moraes e bellos contos moraes são estes agora da Alma Infantil, que a distincta escriptora —que é tambem uma excellente dona de casa e, como esposa e como mãe, um modelo para as que não são escriptoras — dedica ao seu filho, ao seu João, cujo retrato, de creança sadia e bem alimentada (pois, se é a mãe que aos seus peitos o cria!...) mais valorisa o já precioso volume. E toda a carta-dedicatorial, quizera-a eu poder transcrever para aqui, tanto nella se evidenciam os altos espiritos da auctora que, por ser uma intellectual, uma mulher de lettras, não deixou por isso, bem pelo contrario, de ser e de se mostrar uma mulher, no que de bom e de bello e de grande tem a feminilidade. Mas, pois me não sobeja espaço, as primeiras e as ultimas linhas apenas, para espertar nas minhas leitoras o desejo de a lerem toda:

— «A ti, João, a offerta d'este livro, pensado e escripto «com os olhos d'alma postos na esperança de te ver chegar «ao mundo. Pensei-o e escrevi-o para ser comprehendido «pelo teu coração que mal começa a entreabrir-se agora «nuns sorrisos de quem percebe que é amado.

«Acceita, pois, meu filho, a offerta do livro em que, so-«nhando comtigo, pensei com amor na educação das crianças «do teu paiz.

Ora, depois d'isto, petulancia fôra da minha parte querer eu dizer-lhes tudo quanto de bom e de bello este livrinho enthesoira:—é um livro escripto por uma mãe para o seu filho...

Nem sei nem quero dizer-lhes mais nada: naquellas poucas palavras está dicto tudo.

Pois que mais lhes haveria eu de dizer?!

Que o estylo é d'uma singelesa e d'um encanto que eu julgo inexcediveis?...

Mas, se é uma mãe que está contando historias ao seu filhinho, que lh'as pagará com beijos... quando as puder entender!

Ave-Azul -7

Que todas aquellas historias, desde as Surpresas do Natal, em que se faz o elogio da caridade, até ao Engeitado, que é o poema da amisade levada ao sacrificio, todas aquellas historias, alem de suavemente enternecedoras, são ainda, para coronal de merecimentos, profunda e efficazmente moralisadoras?!

Mas, se a sua auctora o que só deseja é que o seu filho seja - um homem, na grande e nobre accepção da palavra, como não serem moralisadoras e nobremente moralisadoras as historias que para sua futura lição destina?!...

Nada: o melhor é ficar-me por aqui. Não direi pois, do amor da patria ensinado, suggerido, inoculado no espirito e no coração dos pequeninos leitores por aquellas paginas que teem por titulo O Jardim de Jorge; nem do valor da instrucção evidenciado, e a toda a luz, nas paginas immediatas; nem da virtude da modestia, tão justamente encarecida na historia Mães; nem d'aquellas historias do Jeronymo, em que a obediencia, a bondade, o amor da justica e a caridade estendida até os animaesinhos, em que todas estas grandes virtudes são—e de que maneira!—inspiradas pela forma mais persuasiva-pela forma por que as mães o sabem fazer, quando o querem fazer e fazem: nem finalmente, das outras duas historias Companheiros e Como a Isabel, onde aquellas virtudes e ainda a boa camaradagem e o amor ao trabalho, e particularmente ao estudo, são aconselhadas e tornadas attrahentes por todos os meios-até pela recompensa, que nem sempre obteem... na terra.

A' sr.ª D. Anna de Castro Osorio e á benemerita Casa Editora Parceria A. M. Pereira, que nos brindou com os dois primeiros volumes—muitos e muitos agradecimentos.

C. de L.



# Poesia Portuguesa

~38x~

Somos um paiz de poetas: está dicto e redicto: mas o que prova isso?—que é a pura verdade; mais nada.

Somos um paiz de poetas.

Aqui tenho eu a proval-o toda uma rima de volumes de versos, nem todos, valha a verdade, de boa poesia, mas todos, afinal, com pretensões a sel-o.

— Dolores: de Ribeiro de Carvalho (1). E' já sobejamente conhecido e apreciado, entre os seus comaradas nas lettras, este nosso amigo e collaborador, cuja estreia, Livro d'um Sonhador, foi pela imprensa e pelo publico recebida com os maximos applausos e sympathias, achando-se esgotada a edição, e de cujo segundo livro Margaritas, prefaciado por uma illustre poetisa nossa, a sr.ª D. Albertina Paraiso, algo de justamente elogioso aqui se disse em tempos.

De resto, a provar o seu bello talento, neste mesmo fasciculo da nossa revista têm os leitores um brilhante testemunho no poemeto *Bernaldim Ribeiro* com que se dignou honrar-nos a *Salla de visitas*.

O poema Dolores, que o moço e já illustre poeta sub-intitulou Agonia d'uma tisica, não podia pois, dados taes precedentes, deixar de ser uma obra de muito valor: e é-o: harmoniosos rythmos, suggestivas imagens, aqui e alem esparsos sonetos magistralmente recortados, todas essas tantas paginas, cantando dolentes os sonhos doidos d'uma pobre rapariga moribunda que a febre da tisica, nos derradeiros momentos, allucina, são simultaneamente a elegia d'uma mocidade a sumir-se no negro mar dos desenganos ainda abraçada á sombra dum sonho que a fatalidade não deixou realisar; e, talvez mais do que isso ainda, o epithalamio da Alma com o Ideal na presença da Morte—da Morte que, longe de ser um

<sup>1)</sup> Bella edição, em papel de linho, com o retrato do auctor: preço 300 reis.

mal, é o primeiro dos bens, na phrase de Lamennais, com que abre o livro.

Porque não pode deixar de ser, não digo symbolista, mas symbolico este poema: na sua apparente objectividade bem de prompto se adivinha a emoção subjectiva que o inspirou e tão vivamente que a nós para logo se nos communica num enternecimento saudoso, como se foramos nós que naquellas paginas gemessemos e agonisassemos e sonhassemos e entrassemos emfim no goso da verdadeira Vida.

Assim encarado, assim egoistamente sentido, este poema alcança o objectivo de toda a obra d'arte digna de tal nome — a emoção: mas só assim; e é esse, e deve ser esse o seu principal defeito para a maioria dos seus leitores que hão-de, á fina força, querer ver ali, e apenas, a agonia d'uma tisica, a agonia de *Dolores* «no seu leito de donzella, que um amor nunca floriu...» Ora para quem as fôr ler com essa preoccupação, aquellas paginas serão frias, inexpressivos aquelles versos, todas aquelas ancias e loucuras incomprehensiveis, porque... porque aquella tisica é uma falsa tisica, como mulher, e só verdadeira, ai de nós! demasiado verdadeira, como figura da nossa mocidade e da nossa Alma e do nosso sonho.

Foi assim que o li; e foi assim que elle me enterneceu: e por essa boa hora de suave enternecimento—a minha gratidão ao seu auctor.

—Algas, de João de Barros (1). Uma estreia, ao que parece: mas, desde já o digo, como estreia, muito fóra do commum e reveladora d'um robusto talento já sufficientemente iniciado nos segredos da Arte.

De proposito disse—sufficientemente: fôra alem da verdade, (da verdade do meu pensamento, que pode ser um erro afinal...) se dissesse - inteiramente.

Assim é que o poeta—porque é innegavelmente um poeta que se ha-de erguer bem alto: desde já o prognostico sem receio de falhar—assim é que, logo ás primeiras paginas, o poeta se me revelou pouco seguro ou então mal orientado na

<sup>1)</sup> Primorosa edição da Casa França Amado, Coimbra: preço 600 reis.

technica do alexandrino: um exemplo: para não ir mais longe, na *Profissão de fé* que segue ao bello soneto *Algas* com que justifica o titulo do recolho—a puelle verso

Tudo o que for perfume, que nos encante e faça

tido será menos um alexandrino: e todavia que facil não fôra regularisal-o de forma a poder emparelhar briosamente com os seus treze irmãos! Aquelle que, depois de perfume, é forcosamente um e: não ha que ver!

Qual?! Ahi nos vem o soneto immediato A lenda do Amor com nada menos que cinco versos no mesmo gosto ...

Pois, senhores, é pena!

Felizmente que o terceiro soneto *Boneca*, em decassyllabos este, breve nos indemnisa do desgosto: e a gente quasi se esquece do caso, ao ler o *Poema d'Amor* que abre com um soneto camoneano, em meu juiso, perfeito.

E agora é toda uma bella mocidade bohemia que passa cantando e sonhando e amando, como um coração que se metamorphoseasse em rouxinol ou como um rouxinol, cuja al ma reencarnasse num coração de poeta.

E fechando os olhos e cerrando os ouvidos áquelle anachronico bainvillismo do soneto X, pag. 45:

sou como o grande Mar tranquillo das Indias...

(e quanto talento ás vezes, Deus meu! perdido a fazer d'estes achados!...) deixem-me, já agora, apontar-lhes o soneto XXV, d'uma fina galanteria commovente, e o poemeto XXXI, fazendo a apologia do Perdão:

Que ser justo consiste Na maneira melhor de saber perdoar!

e ainda o soneto XXXIII, onde o Poeta se figura e á Amada, já velhos ambos, mas namorados sempre, numa encantadora evocação de Philemon e Baucis...

E os nossos corações voarão a sorrir Pelo ceu e na terra, á noite, ha-de-se ouvir O Amor e a F'licidade a tangerem os sinos!

Depois...

Depois, o poema finda: a Illusão morre: vem a separação, o Esquecimento...

E o Poeta abraça-se á Visão ideal no seu *Ultimo sonho* e conclue chamando á revolta em prol da Patria exangue os rapazes da sua geração...

Em conclusão: uma estreia muito fóra do commum; disse-o e repito-o. Os defeitos, sobretudo os apontados, talvez resultantes d'uma ingenua preoccupação de modernismo e de frondismo, ha-de o poeta ser o primeiro a rir-se d'elles, dentro em breve: e então, quando elle nos der o seu promettido volume As quatro estações do amor, hei-de eu ver confirmado, com o que muito folgarei, o prognostico feito de que está ahi um poeta que se ha-de erguer alto e bem alto.

—Arreboes, de Simões Ferreira (1). E' já muito meu conhecido, infelizmente, o auctor; muito meu conhecido, principalmente, d'um poemeto á memoria de João de Deus, intitulado Amor! Amor! que recebi e de que não dei sequer noticia, porque em minha consciencia o classifiquei d'um verdadeiro e imperdoavel sacrilegio. Dizer agora porquê levara-me longe; não o direi pois. Se o auctor me não der rasão, darm'a-á infallivelmente quem quer que lhe tenha posto a vista em cima: isso basta.

De resto, para ser inteiramente justo, direi que o sr. Simões Ferreira tem uma bella qualidade—a de trabalhar muito; simplesmente essa virtude resulta nelle em defeito, porque muito e bem não o faz ninguem...

Num anno, o que findou, publicou elle nada menos que o poemeto Amor! Amor, tres numeros d'uma revista O Luar do Occidente, um folheto de cantigas ao São João e o volume de cento e tantas paginas Arreboes que sub-intitulou Ver-

<sup>(1)</sup> Bonita edição, da Empresa do *Ideal da Bairrada*, que honra a Typ. *Minerva* de V. N. de Famalicão, d'onde sahiu : preço 500 reis.

sos da minha natureza: e, á medida que la escrevendo e publicando tudo isto, redigia ainda um jornal semi-politico, semi-litterario, O Ideal da Bairrada, quasi todo elle de collaboração sua!

Mattoidismo?...

Chega a gente a pensar que sim.

Seja porem como fôr, a verdade é que este volume de versos podia muito bem ter-lhe ficado na gaveta, na pasta, no cesto dos papeis velhos, em qualquer parte em summa, que nada com isso perderia o auctor e o publico ainda lucraria.

E porque já vejo os meus leitores surpresos da minha intransigencia tão fóra dos meus habitos, ahi vão a justificarme, e só por esse motivo, meia duzia de crimes de leso-bomsenso e de leso-bom-gosto, pelo sr. Simões Ferreira perpetrados:

Olhei-te espantado; e ergui-me...
Mas fui cahir num bahu
A tremer mais do que um vime...

O auctor d'estes versos estava com a sua inspiradora, sabem onde?... numa herdade!

> Que eu scismo para mim, ó pomba sem espinhos, Que se algum dia, agora, te lembrasses só De fugir com a bocca aos meus gracis carinhos Aos pés te morreria em sonho, em fumo, em pó...

E' uma maneira de morrer... original: não acham?

Onde existe a casinha onde ambos habitamos Que vejo o coração que juntos adoramos...

Uma belleza... de linguagem.

Numa pavorosa versão d'uns deliciosos versos de Th. Gautier, este verso:

Mas quer de novo ter-lhe a face livia...

Este achado do *livia* foi a necessidade d'uma rima para nivea que lh'o suggeriu.

Nunca os beijei, bem sei; mas tenho tido em sonhos A tua bocca unida amantemente á minha: Escuta bem: jámais nesses casos *risonhos* Eu tive *apenas uma* acção vil ou mesquinha.

Não era aquillo que queria dizer; não era. Mas, se elle precisa de escrever e de publicar quatro volumes por anno, como ha-de elle ter tempo para cotejar o que escreve com o que pensa?

E, para fazer a conta, ahi vae a quadra com que fecha o livro:

Quem me dera dizer adeus á vida... Ness'hora, certamente, eu sorriria! E até, talvez, quem sabe, alma querida, Pela primeira vez eu choraria!

Está dissipado o mysterio: o sr. Simões Ferreira fez este livro a rir—e para nos fazer rir...

Não foi outra coisa: pela minha parte porem, só lhe agradeço a intenção, porque... não conseguiu mais que irritar-me.

Faça prosa, sr. Simões Ferreira; faça prosa: e creia que este meu conselho é tanto mais sincero quanto me lembra ter-lhe lido algumas que valiam mais, muito mais que todos os volumes de versos que tem escripto e . . Ia accrescentar que ha-de escrever: mas o futuro a Deus pertence.

Talvez com a graça de Deus um dia nos dê ainda um livro de versos bons.

—O Poema da Caridade—de Corrêa Gil (1). Bons versos candentes, quiçá demasiado cantantes; mas frios, muito frios: todo este poema dá ares de ter sido escripto, todo elle,

<sup>4)</sup> Liv. Central-Editora de L. Costa, Braga.

como simples exercicio litterario, como as descripções de passeios e trovoadas, que se passavam em Portuguez nos meus tempos de collegial. Lemol-os: e, não ha que duvidar, estão bem feitos; são versos e bons versos; mas, ai! serão elles poesia?...

E lembra-nos aquelle verso que nem eu sei de quem é:

L'art ne fait que des vers; le coeur seul est poèta... O sr. Corrêa Gil fez um livro de artista: o seu livro de poeta ha-de-nol-o dar muito breve: garante-nol-o a perfeição plastica d'essas tantas paginas a que apenas falta... uma coisa bem simples: serem escriptas com sangue do coração: que lá disse o Décourcelle que o coração era o tinteiro do poeta.

E agora reparo que, sem de tal dar conta, não fiz mais que dizer singellamente e em menos palavras o mesmo, ou quasi, que o seu prefaciador, meu amigo e collaborador da Ave-Azul, sr. Julio de Lemos, que bem sabe, elle, o que seja Poesia, do muito que a faz... em prosa, que é mais raro.

Agora, se a frialdade e a inexpressão dos versos d'este poema resultam da muita leitura de Estheticas e preoccupação de escholas, facil remedio: é esquecel-as, umas e outras, e cuidar de procurar na eschola da Naturesa a esthetica verdadeira: que é lá e não nos livros que ella se encontra. Et erguer o vôo ao ceo: lá é que subiu Prometheu a roubar o fogo que lhe aquecesse a estatua...

Dos directores da Ave-Azul muitos agradecimentos ao auctor pela amabilidade offerta.

—Ave-Maria, de Candido Guerreiro. E' um nervoso e um forte: basta encarar o bello retrato com que abre o volume. E ainda bem que os versos são como elle: nervosos e fortes tambem. E de todas essas paginas, onde rufla as azas impacientes um pombo bravo arrulhando a sua canção d'amor, de todas essas paginas evola-se, de mistura com reminiscencias da Biblia e paysagens dos Evangelhos, como uma fragancia de vinho môsto a escorrer capitoso, e o rubro estonteante, que, nem eu sei porquê, nos traz ainda á ideia o Cantico dos Canticos—talvez porque a sulamite foi posta de guarda á vinha...

E ficaram-me noivados
E aromas no coração...
E aqui está a razão
Dos meus versos perfumados...

E são todas assim as suas redondilhas, d'um lyrismo singello, mas quente, quente de toda a febre d'amar que as inspira.

D'uma envergadura mais complicada e robusta e d'um vôo mais arrojado, e por vezes até á temeridade, os seus sonetos e tercetos a arquejarem de fadiga, mas seguindo sempre, mas subindo sempre—para mais alto, como o seu Sonho!...

Oh meu sonho, oh Poeta, porque vaes
Na radiosa escada de Jacob
A subir ás varandas irreaes?...
Oh Cavalleiro, has-de morder o pó!
Aguia atrevida, has-de cahir, exangue...
Estola branca é tunica de dó:
— Casando as Almas, amortalha o Sangue...

E é todo assim, ou quasi. Se aqui ou acolá se podera notar um desmaio, breve nol-o faz esquecer um novo vôo mais alto ainda.

Saudando o illustre poeta bejense, que só agora, e muito gratamente, conhecemos, do coração o felicitamos por este seu livro, que todos quantos o lerem, hão-de como nós, applaudir e estimar.

—Os Reis Magos: de Campos Lima.—O poeta dos Retalhos do Coração não quiz de certo com esta singella plaquetta conquistar novos loiros, a ajuntar aos que aquella auspiciosa estreia e os outros seus livros e publicações posteriores merecidamente lhe ganharam. E' como uma simples recordação duma noite de Reis que elle offerece essa duzia e meia de quadras ao seu amigo Manuel Faria Carvalho; e quero crer que como taes as apresentou ao publico tambem. Uma canção: despretenciosa e desenxovalhada, como deveriam ser as moças

de Braga que por noite de estrellas foram cantal-a de porta em porta annunciando a vinda dos Santos Reis...

E como quer que elle os subintitulasse *Canção*, agora me lembra que não sei já que critizo embicou com o sub-titulo, clamando que não era aquillo uma canção: valha a verdade, que não chegou a dizer-nos o que ser devesse uma canção. Não o direi eu tãopouco. Seja ou não seja canção aquillo, o que aquillo é, innegavelmente, é bons versos e boa poesia. Ora oiçam-me esta *Voz* e este *Côro*:

### Voz:

Sanctos coroados, de fronte pura! Ai, nós que vamos para o Noivado Somos Reis Magos indo á procura Do bello sonho d'um lar doirado.

#### Côro:

Lindo presepio de côr de rosa! O que buscamos, que luz, que brilhos: Os braços d'uma fiel esposa, Os beijos doces dos nossos filhos!

Descance o poeta: se não fez uma canção — e, repito, não serei eu quem o affirme ou negue: deixo isso a cargo dos infalliveis...—se não fez uma canção, fez duzia e meia de boas quadras que se prestam admiravelmente ao canto.

Diz-lh'o quem não poupou reparos aos sonetos da Monia...

— Missa Nova: de Joaquim Gomes. — Já não é d'agora, tem dois annos pelo menos, este volume de lyricas: e convicto estou de que, se algum exemplar se não aproveitou da aura de sympathia com que ao tempo o livro foi recebido pelo publico, não serão as minhas palavras que irão arrancal-o ás garras da traça que já deve de ha muito estar a contas com elle.

Todavia, pois que um amigo do poeta nos brindou ha tempos com um exemplar, não quero eu deixar de registar a impressão que da leitura, que d'elle fiz ao tempo da sua publicação, me ficou, agora por segunda leitura reavivada e confirmada.

O poeta é um triste e um desalentado: com rasão? sem razão? Quem poderá decidil-o, senão elle proprio?!... Não serão os alegres e os corajosos quem lhe deva lançar a primeira pedra; e os que como elle já choraram e se carpiram e imploraram a morte, esses — e eu, no numero — muito menos, como reus do mesmo peccado.

Tambem, se esta circumstancia aponto, é só para em certo modo legitimar o maior defeito do livro – o da toada larmoyante em que todo elle vae sem despegar, desde o soneto inicial ser Poeta até ao derradeiro soneto Ultima aspiração.

E' que o livro é assim, porque o auctor assim é. Identicos o homem e o poeta: valha-nos ao menos isso, num tempo em que os *Arlequins* pensam de *Antonys* . .

Quanto á arte do livro, os sonetos, em regra, bem feitos: e os outros metros bem trabalhados: o sr. Joaquim Gomes sabe do seu officio: e a mim me surprehende deveras que desde 98 até hoje nada nos tenha dado de novo. Não é esse o costume, e estou que o devera ser, dos nossos poetas... Talvez que com a demora nada perca, pelo contrario, o bomnome futuro do sr. Joaquim Gomes que neste seu livro d'estreia se nos revela muito capaz de o merecer e de o alcançar.

Das lyricas do Missa Nova destaco, como merecedoras da minha particular sympathia, a Canção do berço, o poemeto Mystica e os sonetos Serenata e A' Felicidade, d'uma philosophia amarga como trovisco, mas inegavelmente um bello soneto.

— Versos da Rosa: — Folhêto em que se contêm algumas quadras d'amor e de Adeuses da Rosa, afamada tricana de Coimbra, que se recolheu, por amor, a um convento, em Braga, no dia 24 de fevereiro de 1900.

Assim reza o frontispicio d'esta folha volante que me chegou ha dias de Coimbra, toda perfumada de mysterio...

Jornaes bem informados já puseram porem tudo em pratos limpos... Uma pena!

Para as minhas leitoras é que eu não quero tornar-me culpado de deitar agua chilra na poesia do romance: não; não direi nada do caso.

Dos versos largamente fallam as duas paginas de prosa que os precedem. De lá estas linhas:

«são essas quadras e aquellas em que se despede das pes-«soas para quem foi sempre uma irmã encantadora, que com-«põem o volumesinho da infeliz Soror Marianna do nosso «tempo.

Ai, os prefaciadores! que temerarios que até aos mortos não respeitam! E menos ainda aos vivos!... Pois não se dará o caso de ficar sendo Marquez de Chamilly um bello poeta que, porque é um verdadeiro poeta, é tambem uma bellissima alma?!... Cá muito de mim para mim tenho que, se a recente Soror Marianna fosse um pouco mais enfarinhada em litteraturas, nem ella lhe perdoava!...

Mas ahi vae uma das quadras, que para em tudo ser poesia, até fecha com um solecismo, barbarismo ou qualquer outra coisa terminada em *ismo* de que fallam as Grammaticas...

> Affonso, querido Affonso, Ficarás sabendo assim Que a paixão que por ti tenho E' paixão maior que a mim.

Ai, Coimbra! Coimbra!...
Ai, poetas! poetas!...

 $\times$ 

Para o proximo numero da Ave-Azul, por agora nos não consentir a falta de espaço apreciação larga, fallaremos dos Oaristos (2.ª edição) de Eugenio de Castro, do Mondego de Manuel Gayo, do Religião do Sol de Augusto de Castro, do Amores Perfeitos de Alvaro Pinheiro e do Transviado do sr. Jayme de Magalhães Lima, que acabamos de receber.

Por agora a todos estes, os nossos agradecimentos pela offerta com que nos penhoraram.

C. DE L.

## CARTEIRA DA AVE-AZUL

Mr. Louis de Sarran d'Allard:—E' mais um Lusophilo illustre que ás benemerencias e sympathias dos nossos leitores apresentamos hoje. Director litterario da Revue du Monde Latin e do Petit Cévenol, este notabilissimo escriptor é já sobejamente conhecido no nosso meio litterario, porquanto d'elle por mais d'uma vez se teem occupado jornaes e revistas nossas, lembrando-nos, entre outros, o largo artigo elogioso a seu respeito publicado no Perfume pelo sr. dr. Xavier da Cunha.

Acaba de realisar em Alais (Gard) uma brilhante conferencia sobre Castilho, memorando o centenario do nascimento do insignissimo escriptor; e tem no prélo o seu estudo sobre Garrett—Centenaire de Garrett (Garrett et les romantiques français), que esperamos impaciente para d'elle e do seu actor mais largamente nos occuparmos.

Por agora os nossos cumprimentos.

\* \*

Visconde de Poli:—Sabemos que tem estado gravemente enfe no este insigne escriptor francez e devotado amigo de Portu il.

Pre dente do Conselho Heraldico de França e da Associação d Cavalleiros Pontificios, Delegado Geral do patriarchado lati o de Jerusalem e Representante da Ordem do Santo Sepulchro, S. Ex.ª é, sobre tudo isto, um fidalgo pelo sangue e pelo coração; e pelos seus trabalhos litterarios gloria da França contemporanea.

D'elle nos occuparemos noutro fasciculo: por agora os nosso fervorosos votos pelo seu rapido e completo restabelecim ito.

\* \* \*

Mr. Ary René d'Yvermont:—Este illustre poeta, nosso amigo e collaborador, realisará breve, em Paris, na Bodinière, uma conferencia sobre Portugal, cujo texto, no todo ou em parte ao menos, será publicado nesta revista, com permissão do seu auctor, o que muito agradecemos. Tambem na Mairie do Méru (Oise) onde reside, realisou uma conferencia, a 11 de janeiro do corrente, sobre O socialismo de amanhã, perante um numeroso e brilhante auditorio que o cobriu de applausos, como era de justiça.

Se bem que de longe, cordealmente o abraçamos pelos seus triumphos.

\* \*

A «Ave-Azul» na Italia: — Tem sido alvo das mais penhorantes attenções naquelle paiz a nossa revista: possa embora ser taxado de immodestia, deixar de o registar ingratidão fôra.

Os nossos agradecimentos pois, a todos quantos para ella teem tido palavras de sympathia e de elogio, e, muito particularmente, ao illustre publicista e critico sr. Vincencenzo Mellissari pelo substancioso e lisongeiro artigo que á Ave-Azul e aos seus directores e collaboradores dedicou no Calabria sob o titulo de Letteratura Portoghese; á illustrada Redacção da excellente revista litteraria Confessioni e Battaglie (Palermo), pelas palavras de sympathia com que acompanhou a inserção da versão franceza do meu soneto ao sr. G. Gramegna, publicado na Ave-Azul; e ao illustre escriptor sr. Antonio Mari, pela fiel e elegantissima versão do meu artigo a João de Deus com que na Iride Mamertina commemorou o anniversario da morte do nosso querido Poeta, e ainda pela versão, egualmente perfeita, que no Le Parvenze de Messina publicou, da bella prosa Fructo Prohibido com que a illustre escriptora sr.<sup>a</sup> D. Sofia da Silva honrou em tempos a nossa revista.

\* \* \*

Eros e Nova Alvorada:—Duas revistas, cuja falta de ha muito sentiamos e cuja recente visita muito prazer nos deu. Publica-se a Eros em Messina (Italia) e são seus directores os Prof. srs. S. D. Capri e Antonino Mari: d'ella nos occuparemos no proximo n.º, assim como da Nova Alvorada de que é director, em V. N. de Famalicão, o nosso bom e velho amigo, illustre advogado e não menos illustre poeta (não fazem mal as musas aos doutores...) Dr. Sebastião de Carvalho.

Por agora, a ambas—as nossas saudações muito amigas.

\* \* \*

Léon Deschamps:—Morreu, ainda moço, este illustre Director e fundador da notabilissima revista de Novos e para os Novos La Plume, cujo penultimo numero lhe era consagrado.

Os nossos pesames á Redacção de La Plume e á Familia do illustre extincto, que foi um benemerito.

\* \*

Exposição de 1900: Certos de que nisso damos prazer aos nossos presados assignantes, communicamos-lhes que, por amabilissimo obsequio da illustrada Directoria de L'Humanité Nouvelle, se encarregará de nos enviar noticia da Exposição de 1900, referente á parte scientifica, sociologica e artistica, o director Mr. V. Haber que para tal fim fica sendo nosso correspondente em Paris.

Caso é este para nos felicitarmos: e anciosos aguardamos de Mr. V. Haber, a quem desde já agradecemos, o cumprimento da sua promessa, para satisfazermos a legitima curio-

sidade dos nossos leitores.

\* \*

M.me Clémence Royer:—Esta notabilissima escriptora, que é hoje considerada o cerebro mais poderoso da Europa, acaba de publicar, editorada pelos Schleicher fréres,—15 R. des Saints Pères, Paris—uma obra intitulada: La Constitution du Monde-Dynamique des Atomes, acompanhada de 92 figuras e 4 pranchas fóra do texto: preço 15 fr.

Dizem-nos que essas 800 paginas são uma verdadeira Bi-

bliotheca...

Com vista aos detractores do cerebro da mulher.

C. de L.

